

## Exílio com sabor de vitória

Quatro estudantes chilenos (foto) banidos pelo ditador Pinochet concluem seus cursos na Unicamp e se despedem com um comovido agradecimento. **Página 12.**



# Reitor faz balanço de três anos e elege 93 o ano da graduação



O reitor Carlos Vogt em seu gabinete de trabalho: consolidação das grandes linhas administrativas.

Com a destinação de US\$ 400 mil anuais para os programas de graduação e a elaboração de um diagnóstico geral sobre o ensino de graduação na Universidade, o reitor Carlos Vogt marcou o início de seu quarto e último ano administrativo à frente da Unicamp. O diagnóstico servirá de base para uma ampla discussão com professores e alunos ao longo de 1993 — eleito “o ano da graduação” — e deverá levar ao enfrentamento de problemas estruturais dos 42 cursos de terceiro grau em funcionamento na instituição. Em entrevista ao **Jornal da Unicamp**, o reitor fala ainda das experiências que vivenciou ao longo dos últimos três anos e de sua expectativa para os treze meses seguintes. “Iniciamos agora um período final de consolidação do que foi realizado”, disse ele. A entrevista faz um balanço das principais linhas de trabalho desenvolvidas pela administração Vogt. **Páginas 6 e 7.**

## Em debate o plebiscito de abril



O parlamentarista José Serra.



O presidencialista Luiz Felipe de Alencastro.

Assim como na sociedade brasileira, também na comunidade acadêmica se dividem fortemente as opiniões sobre o plebiscito do próximo 21 de abril, que decidirá o sistema de governo do país. Para dis-

cutir o assunto, o **Jornal da Unicamp** procurou dois especialistas — ambos do Instituto de Economia — que, na imprensa e nos salões de debate, têm se notabilizado por suas posições firmes e exatamente contrá-

rias acerca do que é mais conveniente aos brasileiros: se o parlamentarismo ou se o presidencialismo. Confira nas **páginas 4 e 5**, entrevistas com o deputado José Serra e com o professor Luiz Felipe de Alencastro.

## NESTA EDIÇÃO:

**1 COREANOS** — Um grupo de 22 universitários da Coreia do Sul passou um mês na Unicamp fazendo um curso de verão para aprimorar seu português. Como outros 200 estudantes coreanos, eles estão interessados não apenas na língua mas também na literatura e nos costumes do país. **Página 3.**

**2 INFORMÁTICA** — Dois novos grandes contratos firmados com a IBM do Brasil consolidam o programa de informatização da Unicamp e garantem sua atualidade na área pelos próximos anos. Com isso, a Universidade entra com o pé direito na fase da computação de alto desempenho. **Página 8.**

**3 BASE ECOLÓGICA** — Num acordo com a prefeitura de Jundiá, o Instituto de Biologia da Unicamp acaba de instalar um centro de estudos num dos templos verdes da ecologia paulista: a serra do Japi. Trata-se de uma base ecológica com 800 m<sup>2</sup> de área que já está em plena atividade. **Página 9.**

**4 UROLOGIA** — Uma equipe de urologistas da Unicamp coordenada pelo professor Paulo César Palma desenvolveu uma técnica cirúrgica inédita capaz de tratar e até curar a incontinência urinária. O novo método é mais seguro e tem um custo muito mais baixo. **Página 10.**

# A Universidade e a reordenação do caos

**Waldir Quadros**

É generalizada a sensação de que ou redefinimos, de uma vez por todas, os rumos de nosso processo de desenvolvimento, ou afundamos no lodaçal de desagregação de nossa sociedade urbano-industrial de massas.

Esta correta percepção de nossos dilemas atuais vem se constituindo, a duras penas, desde a crise da segunda metade dos anos setenta. Encerrava-se ali um longo e profundo processo de desenvolvimento que tomou impulso por volta de 1930 — embora naqueles duros tempos de obscurantismo, poucos tivessem consciência desse fato.

Como sabemos, este padrão de desenvolvimento que, grosso modo, vigorou de 1930 a 1980, caracterizou-se pelo marcante dinamismo que promoveu amplo e significativo processo de mobilidade e ascensão social. Ao mesmo tempo, foi marcado — entre outras chagas — pela iniquidade e pelo descaso em relação ao vergonhoso contingente de marginalizados e miseráveis.

Com a crise do padrão, cessam as fontes do dinamismo e emerge a necessidade de se definir em novas bases para o crescimento, em sintonia com o processo mundial de reestruturação capitalista.

Entretanto, o predomínio conservador na condução da política econômica e social — que se manteve mesmo na época da transição para a democracia — impôs ao país uma década de letargia tecnológica e o agigantamento da especulação financeira, sustentada pelo Estado e pelos setores subalternos da sociedade.

Esta dominância paralisante só foi ameaçada nos momentos iniciais da Nova República, antes que o conservadorismo lograsse neutralizar e derrotar as propostas reformistas anunciadas.

A corrosiva junção de inércia e especulação culminou na própria desagregação do Estado, destruindo sua capacidade de implementar e conduzir projetos nacionais de desenvolvimento. Com isso, os desafios vão se condensando na urgência em se constituir bases sociais e políticas capazes de redefinir os rumos do desenvolvimento e implementar uma profunda e autêntica reforma do Estado.

Os anseios e esperanças que vão se frustrando ao longo da "década perdida", desembocam na primeira eleição direta para presidente após o ciclo militar. Como vimos, este desencanto foi majoritariamente canalizado a favor da proposta neoliberal "collorizada". De um lado, devido à aversão ao PT, junto com o desgaste político das forças do centro



Waldir Quadros  
é diretor do  
Instituto de Economia  
da Unicamp.

democrático, que naufragam com a Nova República. De outro, pela forte sedução exercida por uma retórica contundente de combate ao conservadorismo paralisante. Ou seja, pela promessa de novos rumos e de novos procedimentos políticos.

Agora, com o sepultamento da desastrosa aventura neoliberal — na qual vá-

rios setores progressistas embarcam por puro deslumbramento com o "moderno" —, renova-se a possibilidade de viabilizarmos uma alternativa democrática de desenvolvimento distributivo. Os principais obstáculos — quase irremovíveis — residem no próprio porte dos desafios e na forte atração exercida pela retórica conservadora-autoritária, diante da fragilidade histórica dos setores populares.

Neste momento muito particular da história brasileira, cresce a importância dos centros de excelência no âmbito da cultura, da ciência e da tecnologia — tal como o é a Unicamp —, por sua capacidade de criticar falsas soluções e propor alternativas concretas.

De fato, somos um dos poucos organismos públicos que não se desestruturou nesta profunda crise que atingiu os alicerces de nossa sociedade.

A circunstância de, com enormes dificuldades, continuarmos funcionando e nos aprimorando, num quadro de decadência generalizada de valores e instituições, confere à Unicamp uma significativa capacidade de intervir na definição dos rumos da Nação; além de reforçar a relevância de nossa atividade primordial, dedicada à formação de profissionais competentes e cidadãos conscientes.

## Da responsabilidade ética da ciência

**Rachel Lewinsohn**

Os cientistas são responsáveis diante da sociedade pelas conseqüências de seus trabalhos? Sem dúvida, responde John Ziman, professor de física da Universidade de Bristol, Inglaterra. Mas sublinha que a sociedade tem os cientistas que merece, e que a formação muito especializada que oferece produz idiotas sábios incapazes de apreender questões políticas e morais. Considera que a universidade deve ser o lugar da oposição dos cientistas aos usos abusivos da ciência.

Outro motivo do dever do cientista para com a sociedade resulta, segundo outros eminentes pesquisadores, do fato da ciência, mesmo a chamada pura, jamais poder ser neutra, "pois seu caráter e orientação são forçosamente determinados pelos sistemas sociais e científicos onde se insere". Desta não-neutralidade da ciência decorre a profunda responsabilidade do cientista perante a coletividade pela maneira como se desincumbe de sua tarefa.

Newt Press, da Universidade de Wisconsin-Milwaukee, USA, aponta para um terceiro aspecto deste problema universal de inúmeras facetas:

"Teóricos em ética afirmam às vezes que colheitas foram usadas para arrancar olhos, argumentando daí que quem fabrica ferramentas não pode ser responsabilizado pelo uso que se faz delas. O que é verdade para colheitas, não se aplica a gases tóxicos" ou (acrescentaria eu) à engenharia genética que produz armas biológicas.

Desde tempos imemoriais, as questões do livre-arbítrio, da responsabilidade do indivíduo pelos atos que comete ou deixa de cometer, têm sido uma fonte inesgotável de discussões. Mas se, nos idos tempos de um passado longínquo, estes problemas não ultrapassavam a clausura do filósofo e escoliasta, nos últimos cinco a seis séculos, sobretudo desde o Renascimento e como conseqüência da revolução científica, eles vêm assumindo um caráter "profano", e permeiam todos os setores da nossa vida.



Rachel Lewinsohn  
é professora da  
Faculdade de Ciências  
Médicas da Unicamp.

Esta profunda transformação já se verificou nos séculos XII-XIII, que presenciaram um avanço inédito principalmente da tecnologia (agricultura, manufatura de armas de fogo). Com estes avanços, sobretudo nos últimos 200 anos, aumentou de modo incomensurável o potencial do homem para o bem e para o mal. Infelizmente, não houve aumento comparável de seu discernimento do que seria benéfico ou maléfico para a humanidade; nem da sua capacidade de restringir sua curiosidade, sua ganância e sobretudo sua sede de poder, todas igualmente insaciáveis.

Ciência e tecnologia sem dúvida deram ao homem moderno um poderio jamais imaginado, que se concentra nas mãos — e nos cérebros — de um pequeno grupo de indivíduos: a comunidade científica. E a sociedade está dividida entre uma admiração ilimitada ante os milagres produzidos pelos cientistas e uma desconfiança beirando o pânico diante dos seus poderes destrutivos. Os trechos acima ilustram uma fração ínfima da complexidade destes problemas imensos, impossíveis de resumir em espaço mui-

to maior do que este. Os filósofos podem apenas ajudar a defini-los; e sua solução requer muito mais do que códigos de ética. Na verdade, um dos grandes problemas gira em torno de quem deve decidir, por exemplo, sobre se deve ou não haver controle das atividades científicas, e como e por quem seria exercido.

Entretanto, existem outras maneiras de abordar a questão da responsabilidade do cientista, além daquelas já apontadas. "Se eu estiver em dúvida sobre se algo que quero fazer está certo ou errado," disse o eminente filósofo Max Black, "não é aos meus colegas profissionais que vou perguntar, e sim à minha mulher". Antes da responsabilidade do cientista e acima dela está a responsabilidade do ser humano, cuja consciência raras vezes erra na definição do certo e do errado. Será que é necessário estudar filosofia para saber que é preciso tirar os fósforos da criança que está brincando com eles? Quantos de nós, por mínimos que sejam os nossos conhecimentos técnicos, podem duvidar de que é crime usar

desfolhantes? ou que precisamos urgentemente reavaliar as nossas premissas e atuação em grandes áreas da nossa existência: a ciência, a tecnologia, a medicina... Cabe a nós, cientistas e pesquisadores, insistir na mais ampla participação, nesta tarefa, de todas as camadas da sociedade. Da mesma forma que os problemas tocam a todos, todos devem assumir parte da responsabilidade pela sua discussão e pela busca de soluções.

Um ponto final, mas não o menos importante. Sempre me pareceu que entre os deveres do acadêmico e do cientista, além da promulgação do conhecimento, um dos essenciais é a denúncia do erro, de boa ou má fé, onde quer que o encontre, e, na medida do possível, a promoção da discussão do problema de que é questão. Nem sempre isto é fácil, e na maioria das vezes é incômodo. Mas será que podemos nos furtar a uma obrigação tão clara? Podemos realmente permitir que a criança continue brincando com os fósforos?



Reitor - Carlos Vogt  
Vice-reitor - José Martins Filho  
Pró-reitor de Extensão - César Francisco Ciacco  
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves  
Pró-reitor de Graduação - Adalberto Bono M. S. Bassi  
Pró-reitor de Pesquisa - Arnando Turtelli Jr.  
Pró-reitor de Pós-Graduação - José Dias Sobrinho  
Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas - SP. Telefones (0192) 39-7865, 39-7183 e 39-8404. Telex (019) 1150. Fax (0192) 39-3848.  
Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)  
Subeditor - Amarildo Carnicel (MTb 15.519)  
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglionne (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.917), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).  
Colaboradora - Raquel do Carmo Santos  
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)  
Ilustração e Arte Final - Oséas de Magalhães  
Diagramação - Amarildo Carnicel e Roberto Costa  
Serviços Técnicos - Clara Eli Salinas, Dulcinéia Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

# Vestibular aponta 1º colocado

**André Tardin,  
19 anos, ingressa  
em Engenharia  
da Computação.**

A possibilidade de conciliar a arte com a máquina determinou a escolha de André Guimarães Tardin, 19 anos, pelo curso de Engenharia da Computação. Conquistar o primeiro lugar no vestibular-93 da Unicamp, com a média de 81,78 pontos, a segunda mais alta nesses sete últimos anos do vestibular próprio da Universidade, é uma vitória que ele atribui à boa formação que obteve no Colégio Notre Dame de Campinas — onde estudou desde a pré-escola até o segundo grau — e ao curso Anglo, que frequentou no ano passado.

Fascinado pela máquina e animado com a perspectiva de melhor compreensão de seu funcionamento através do estudo de hardware (arquitetura do computador) André, que é também desenhista, está animado com o novo curso. Além de desenhos abstratos, André faz paródias de super-heróis. Boa parte do seu talento artístico é documentado nos disquetes do computador pessoal, um 486, padrão IBM, que tem em sua casa e onde passa parte considerável de seu tempo.

**Alto astral** — Da Unicamp, “uma Universidade respeitada, que está constantemente se atualizando tecnologicamente”, André espera uma boa formação, e que lhe permita colocação no merca-

do de trabalho. Com relação aos professores, sua expectativa é de que as aulas sejam bem dadas, “não ao pé do livro e que tenham o pé na realidade”.

André considera a área de engenharia de computação muito promissora e criativa. Nesse curso ele espera poder exercitar toda a sua curiosidade pela máquina até atingir o total domínio. Acha que o trabalho no computador é um permanente desafio, cheio de descobertas interessantes, além de representar uma ferramenta indispensável no mundo contemporâneo.

**Esforço recompensado** — Já na pré-escola, André demonstrava o gosto pelo estudo. A timidez natural, que o fazia sentar no fundo da sala, não o impedia, no entanto, de ter muitos amigos. Na sala de aula era comportado, atencioso, o que lhe permitia compreender bem as matérias. Esportista, sua altura, (1m 80) o direcionou para o vôlei, onde se destacou, além de jogar bem futebol e basquete.

Nascido em São José dos Campos, André mudou-se pequeno para Campinas. Sua família, de classe média alta — seu pai, Abílio Tardin, diretor-técnico da empresa Mogiana Alimentos e sua mãe, Lúcia Maria Guimarães, economista — sempre lhe deu apoio nos estudos. Ele tem três irmãos, Marcelo, 20 anos, que faz Engenharia Mecânica na Unicamp, Fernanda, 15, e Gustavo, 17, que cursam o segundo grau na escola Notre Dame.

André diz que não tem fórmu-

la para ingressar na Unicamp. Apesar de bom aluno, em 1992, não chegou sequer à segunda fase do vestibular da Unicamp. Depois da maratona do vestibular, que o obrigou a estudar sistematicamente, várias horas diárias, André aproveitou o carnaval para descansar.

Por enquanto sem namorada, para 1993 seus planos estão divididos entre o curso de Engenharia de Computação na Universidade e o curso de desenho artístico que faz no Centro Latino Americano (CLA). Seu interesse pelo desenho é tal que já produziu, em parceria com o amigo Adriano, um livro com 42 páginas de história em quadrinho. São paródias de super-heróis. Quando se formar, pretende conciliar, profissionalmente, a arte com a computação.

Interessado pelos problemas do país, André acha que o governo Itamar está muito “devagar”. A nível do plebiscito de abril, está tendendo para o presidencialismo. Considera essencial uma revisão na proporcionalidade da representação estadual no Congresso e uma reforma partidária. Na sua opinião, os partidos em geral não têm força nem ideologia.

Em termos culturais, gosta de ir ao cinema e é leitor assíduo de histórias em quadrinho. Lê a *National Geographic*, a revista *Veja* e dá sempre uma olhada nos jornais diários. Na televisão, o noticioso que mais gosta é o *TJ Brasil*, com o Boris Casoy. Acha que, hoje em dia, estar a par dos acontecimentos da atualidade é fundamental para a formação de todas as pessoas. (G.C.)



André Tardin: computador e arte.

## Coreanos vêm aprender o português

**Jovens de Seul passam um mês na Unicamp familiarizando-se com a língua.**

Para eles o brasileiro não é apenas um povo que só pensa em samba, mulher e futebol. Reconhecem que sabem pouco da história do país, de seus modos de vida e do pensamento do povo brasileiro. Mas ainda acreditam que o Brasil seja o país do futuro, das oportunidades, com o qual há grandes possibilidades de integração internacional. Querem saber mais, não apenas do país mas também de sua gente e de sua cultura — e não escondem seu fascínio pela tropicalidade brasileira.

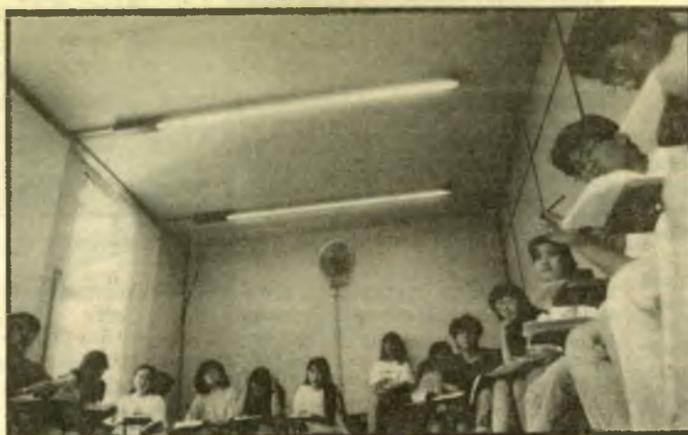
Com esse propósito, 22 estudantes sul-coreanos, entre 19 e 21 anos, participaram na Unicamp de um curso de verão em “língua brasileira”, desenvolvido pelo Centro de Ensino de Línguas (CEL) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Eles fazem parte de um grupo de 400 sul-coreanos que estudam história do Brasil e de Portugal na Hankuk University of Foreign Studies, em Seul. Os estudantes vieram com recursos próprios, ficaram alojados na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) e passaram o mês estudando, com poucas oportunidades de passear e ver ao vivo um pouco mais da cultura que só conheciam através de livros.

Jornais, histórias em quadrinhos, novelas e telejornais constituíram o material básico utilizado pelas professoras Marisa Kimie e Ana Cecília Bizon, para ensiná-los a falar “o brasileiro”. Durante o curso, os estudantes foram proibidos de falar coreano em sala de aula. “Era preciso quebrar a inibição e ao mesmo tempo mostrar as regras gramaticais e outros elementos do processo que envolve o aprendizado de uma língua estrangeira”, diz Marisa.

De um modo geral a principal dificuldade desses estudantes com o aprendizado da língua se dá com as



Sang Bong: Amazônia.



Sul-coreanos na Unicamp: “língua brasileira”.



Sung Eun: distorções.

preposições, inexistentes na língua coreana. Uma questão que também representou um obstáculo no seu aprendizado é compreender a mensagem e, por conseguinte, falar.

**Distorções** — Jong Chul Yang diz que a admiração pelo Brasil despertou o interesse pelo estudo do português. “Eu quero trabalhar aqui, no

futuro”, diz ele. Outro detalhe que o levou a estudar português: “O brasileiro fala como se estivesse cantando, há uma certa musicalidade em suas palavras”. Ele admite, contudo, que não se trata de uma língua muito fácil. “A gente tem que ler e prestar muita atenção quando está ouvindo. Sobretudo é preciso aprender a ouvir”, diz Yang.

A estudante Sung Eun Huh explica que na Universidade de Hankuk são ministrados cursos sobre História de Portugal e História do Brasil. “Estudamos sob o ponto de vista do colonizador e não do colonizado. É aí, creio, que ocorrem as distorções no aprendizado da história de um país”, diz. Sang Bong Kim concorda com sua colega e acrescenta: “Agora

entendo, por exemplo, a importância que a comunidade indígena teve na história e no desenvolvimento deste país, suas lutas, conquistas e derrotas. Se um dia retornar ao Brasil quero conhecê-lo mais profundamente. De preferência a floresta amazônica”.

Os coreanos vêm de um país com quase 44 milhões de habitantes, onde o índice de analfabetismo não chega a 3%. Em decorrência disso eles enfrentam o problema da falta de vagas nas instituições de ensino superior. “É cada vez maior o número de estudantes que querem entrar para a universidade, que só absorve 25% da demanda”, explica Sung Eun. Mesmo os que estudam português na universidade não têm muita oportunidade de exercitar a língua. A prática ocorre invariavelmente na sala de aula. A presença de poucos brasileiros na Coreia dificulta o aprendizado da língua”, diz Jong Chul Yang.

Para suprir dificuldades desse tipo, Yang, Kim, Paek e Huh costumam ler obras da literatura brasileira. Entre seus autores prediletos estão José Mauro de Vasconcelos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, que estão presentes nas bibliotecas da universidade. Para eles termos como “né”, “aqui ó”, “barra” e “bicho”, por exemplo, são algumas das expressões já incorporadas ao vocabulário. (A.R.F.)

## Português é o sétimo mais falado no mundo

Professores do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp lançaram há alguns anos um livro que buscava basicamente reduzir as dificuldades que o estrangeiro tem em relação ao aprendizado da língua portuguesa. Trata-se do *Brazilian Portuguese - Your Questions Answered* (Editora da Unicamp). Com a criação do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul) — acordo firmado entre os governos do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai —, o aprendizado da língua portuguesa ganhou nova dimensão, favorecendo a pu-

blicação de uma segunda edição desse livro, elaborado pelas professoras Leonor Cantareiro Lombello, Linda Gentry El Dash e Daniele Grannier-Rodrigues, do Departamento de Linguística Aplicada. De acordo com Leonor, o ensino do português — o sétimo idioma mais falado do mundo — busca alternativas para o aprendizado convencional até aqui praticado, baseado nas formas gramaticais e na própria tradição do ensino de língua materna. “Esse livro procura, entre outras coisas, ampliar as perspectivas de comunicação interpessoal e intercultural — mais no-

tadamente com os países que integram o Mercosul”, diz Leonor.

Para ela, o ensino do português no mundo não é ainda significativo. “Primeiro porque não é uma língua conhecida, bem menos, por exemplo, que o espanhol. Mas isso não impede que ela seja ensinada em diversos países da América Latina e do Continente Asiático”. É surpreendente saber, por exemplo, que os 22 jovens coreanos que vieram à Unicamp aprender a língua não são uma exceção: há hoje naquele país mais de 200 estudantes universitários interessados em literatura brasileira. (A.R.F.)

# “O sistema da maturidade política”



**D**efensor convicto do sistema parlamentarista, o deputado federal José Serra, professor licenciado do Instituto de Economia da Unicamp, acha que as reformas políticas de base são imprescindíveis para que o Brasil retome seu desenvolvimento com justiça social. A principal delas seria a mudança do sistema de governo.

**Jornal da Unicamp** — O senhor acredita que, face à atual conjuntura política e econômica brasileira, a desorganização da sociedade e a estrutura do Congresso Nacional, é possível o parlamentarismo-já?

**José Serra** — Acredito que é perfeitamente possível. Todos os defeitos do nosso sistema político e eleitoral causam muito prejuízo ao país, no presidencialismo também. Não há por que imaginar que tais defeitos possam ser toleráveis no presidencialismo e intoleráveis no parlamentarismo. Em absoluto. O novo sistema de governo deve ser acompanhado de uma ampla reforma política. Imaginar que tudo vai se fazer antecipadamente é ingenuidade ou então subterfúgio para apoiar o presidencialismo com uma certa vergonha de assumir essa posição. Nunca se discutiu tanto sobre os aspectos do sistema eleitoral, representação dos estados e partidos, como agora, exatamente sob a motivação do plebiscito. Por outro lado, é indiscutível que a vitória do parlamentarismo estimulará a implementação dessas reformas. Aliás, já está estimulando mesmo antes, como no caso da legislação partidária, em relação à qual já foi aprovado um novo projeto na Câmara, que se encontra agora no Senado para apreciação. A propósito dos partidos, é evidente que o presidencialismo é um sistema que extermina partidos enquanto o parlamentarismo os fortalece. Na verdade, quem quiser partidos fortes, deve optar pelo parlamentarismo. O que não é possível é se imaginar que tudo será conquistado previamente.

**JU** — Os que se declaram contrários ao parlamentarismo o fazem por achar que esse não é o momento adequado para implantá-lo. Acreditam que o plebiscito é prematuro e que as reformas necessárias não seriam feitas em tempo hábil. O que o sr. teria a dizer a respeito?

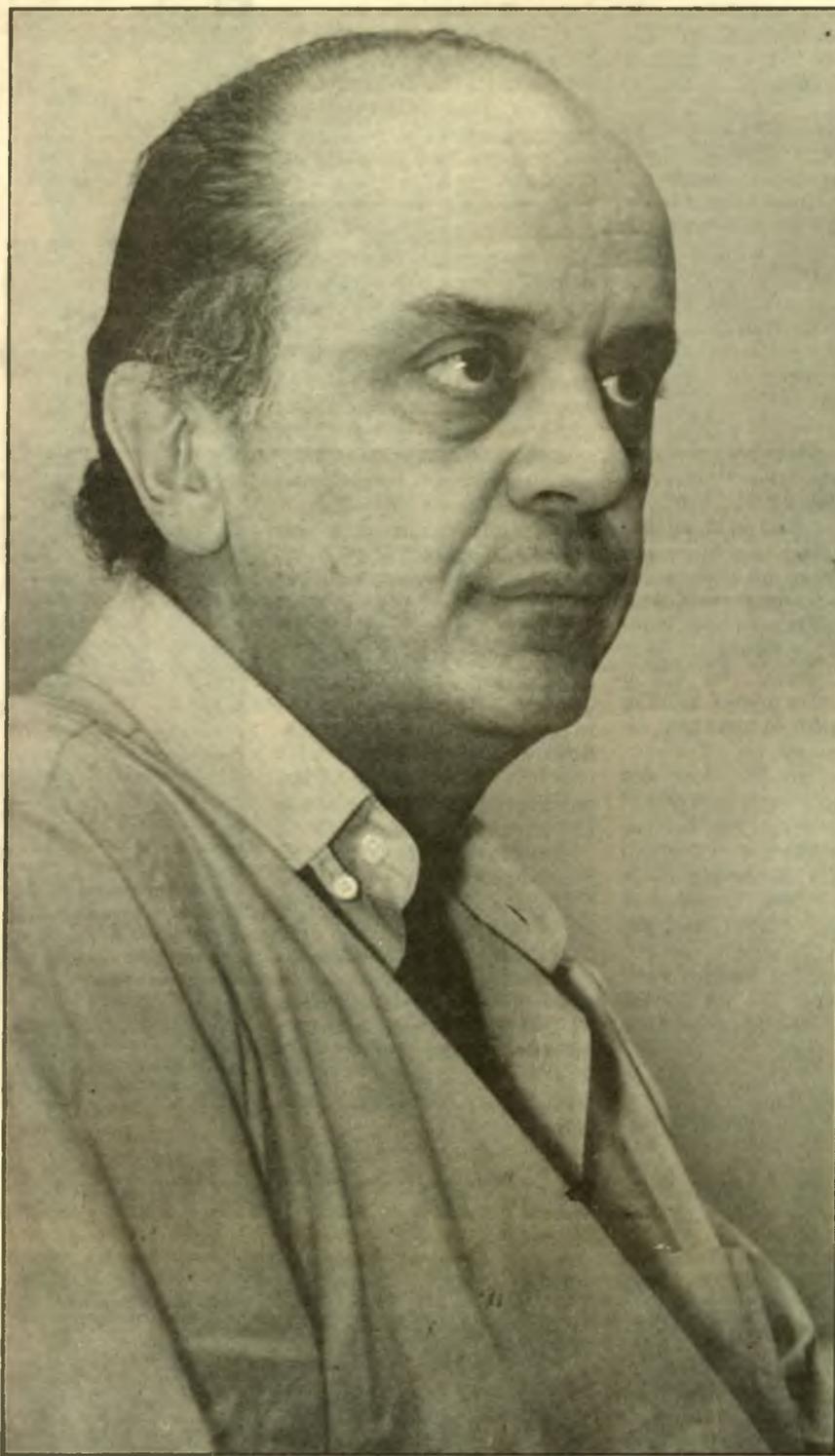
**Serra** — Em primeiro lugar, o plebiscito está marcado pela Constituição. Eu não teria marcado o plebiscito. Foi a Constituinte que o fixou. Eu teria deixado para retomar a questão do sistema de governo na revisão constitucional, em setembro, e sob a forma de referendo. Agora, é inconcebível ficar esperando até setembro para que sejam aprovadas as mudanças na representação dos Estados, no sistema eleitoral. Todas as mudanças constitucionais importantes só poderão ocorrer na revisão que está marcada para depois de outubro.

**JU** — Os argumentos de que se estaria assinando um “cheque em branco” são então inconsistentes?

**Serra** — Na verdade, esse argumento não tem sentido. Não há nenhum cheque em branco para o Congresso. Muita gente diz: “Eu sou parlamentarista mas queria saber qual o parlamentarismo, do contrário é cheque em branco”. Bom, em primeiro lugar, se não houvesse o plebiscito, o cheque em branco existiria porque vai reunir o Congresso para a revisão constitucional, onde é relativamente fácil mudar a Constituição. E o Congresso mexeria no sistema político. Na verdade, não é o plebiscito que cria esse problema. Em segundo lugar, o cheque em branco valeria também para o presidencialismo. Temos uma proposta do senador Marco Maciel de que, no presidencialismo, os ministros deveriam ser aprovados pelo Senado e a Câmara poderia destituí-los. Isso é um erro terrível. É aumentar o poder do Congresso sem dar a ele a correspondente responsabilidade. Na verdade, esse cheque em branco já existe a partir da fixação da revisão constitucional. Temos três posições. Ou se vota pelo presidencialismo, ou se vota em branco, ou se vota pelo parlamentarismo. Não adianta almejar o plebiscito. Tem que ser feita uma escolha. Isso é o que parece incomodar a alguns e assustar, a meu ver injustificadamente, a outros.

**JU** — O senhor acredita que os problemas do país estariam no sistema presidencialista?

**Serra** — Não. Acho que o sistema de governo é muito importante mas não é a única explicação para as desgraças do país. Seria um ab-



Serra: o atual sistema, dificulta desenvolvimento com justiça social”.

surdo pensar assim. O sistema de governo é um aspecto. E um aspecto relevante. Precisamos ter um sistema de governo que aumente as chances do país resolver os seus problemas. Parlamentarismo não é panacéia. Não é um remédio milagroso como não foram também as diretas-já e a Constituinte. Mas inegavelmente aumenta a probabilidade do Brasil resolver seus problemas.

**JU** — O equilíbrio maior entre os poderes, implícito no regime parlamentarista, permitirá uma co-responsabilidade entre os poderes?

**Serra** — A co-responsabilidade é fundamental. Parlamentarismo não significa dar mais poder ao Legislativo, mas ampliar a sua responsabilidade. O Legislativo já tem muito poder no presidencialismo e o terá no parlamentarismo. A única diferença é que, no parlamentarismo, passa a ter mais responsabilidade porque a sustentação do governo depende da maioria da Câmara e, além disso, a Câmara pode também ser dissolvida.

**JU** — É possível esperar maior responsabilidade dos políticos no parlamentarismo?

**Serra** — Só se pode ser responsável assumindo responsabilidades. Não conheço outra maneira. Por outro lado, inegavelmente, é necessário poder ser cobrado, poder ser dissolvido.

**JU** — Depois do avanço político com o impeachment de Collor, o senhor não vê como um retrocesso a eleição da atual mesa da Câmara, considerada conservadora?

**Serra** — Não. A eleição da mesa da Câmara tem de ser olhada do ângulo das relações corporativas, do funcionamento interno da Câmara. Foram essas forças que imperaram. Além disso, a morte de Ulysses Guimarães foi decisiva. Uma candidatura estruturada para presidente da Câmara não se faz em três meses. Ulysses estava com a eleição praticamente assegurada. Com a sua morte, criou-se um vácuo, que foi preenchido por um candidato que aparece, para muitos parlamentares, como a alternativa corporativa à Câmara.

**JU** — A falta de nomes para substituir Ulysses Guimarães não seria um demonstrativo da

fragilidade do chamado grupo progressista?

**Serra** — Não. Há excelentes possíveis primeiros-ministros. De primeiríssima qualidade. Só que uma coisa é ser escolhido primeiro-ministro e a outra é ser o presidente da Câmara. Os perfis são completamente diferentes.

**JU** — Mas no momento em que se tem uma Câmara, onde 54 deputados assinam, sem ler, o conteúdo de projetos — como divulgou a Folha de S. Paulo a 17 de janeiro deste ano, após simular um projeto em que transformava o Brasil em colônia de Portugal —, é possível confiar nesses parlamentares?

**Serra** — A região do ABC elege dirigentes sindicais do PT e com frequência prefeitos do PTB ou do PMDB. Não há uma correspondência, muitas vezes, entre uma eleição corporativa com uma eleição política. A questão da assinatura daquele projeto é engraçada, mas não relevante. Mesmo porque o projeto foi redigido de tal maneira que induziu os deputados a não lê-lo. Todo projeto contém como uma espécie de epígrafe, uma ementa com o resumo do conteúdo essencial. Essa ementa não é feita pelo autor do projeto, mas pela mesa da Câmara. Raramente uma ementa sai errada. No caso, como o projeto era falsificado, a ementa não dizia nada. Foi tendenciosa. Estou à vontade para falar nisso porque não assino nada sem ler. Tenho por princípio não assinar nada, principalmente se não conhecer o deputado e se não tiver detalhes do que se trata. Boa parte dos parlamentares que assinaram é séria e foi enganada pela maneira como o projeto foi apresentado.

**JU** — Depois do parlamentarismo liderar a preferência dos eleitores, pesquisa da Data Folha do início de fevereiro mostrou uma reversão do quadro, com o crescimento do presidencialismo. Esse resultado indicaria alguma nova tendência ou ainda é muito prematura qualquer previsão?

**Serra** — Acho superprematuro. É natural que, no momento em que começa uma certa propaganda do presidencialismo, haja uma rea-

ção do ponto de vista de pesquisa de opinião e também porque o prestígio do governo Itamar está bom. Esse prestígio fica, nesse momento, um pouco associado ao presidencialismo.

**JU** — Em países como os Estados Unidos, o presidencialismo funciona com um Congresso forte. Seria realmente necessário mudar o sistema de governo brasileiro para resolver os seus problemas?

**Serra** — Nos Estados Unidos não se pode dizer que existe um presidencialismo típico, latino-americano ou de Terceiro Mundo. Lá o Judiciário e o Legislativo têm um poder incrível, maior até que nos países parlamentaristas. De maneira que os Estados Unidos nada mais são do que a exceção que confirma a regra. País próspero, democrático, no mundo, é país parlamentarista. O parlamentarismo é o sistema da maturidade política.

**JU** — O senhor acredita que o empresário brasileiro, que já tem se posicionando pelo parlamentarismo, mas sob certas condições, daria realmente apoio a uma mudança estrutural no sistema de governo?

**Serra** — Eu compartilho a idéia da Fiesp, de que não basta o parlamentarismo. Você precisa de muitas outras coisas. Apenas acho que essa luta não é prévia. Na vida nada é assim. O processo da vida é muito mais complexo. É um processo de interações e simultaneidade. Não fosse o plebiscito, as questões do sistema eleitoral, de representação dos estados na Câmara e da legislação partidária, jamais estariam sendo colocados.

**JU** — Então, é graças à discussão sobre o plebiscito que essas relevantes questões estão sendo finalmente debatidas?

**Serra** — Sim. Se ganhar o parlamentarismo, que é o que espero, haverá uma pressão irresistível da opinião pública para que o novo sistema seja implantado da maneira adequada. Essa pressão acontecerá através dos jornais, de toda a mídia e dos sindicatos, porque é isso que o país deseja.

**JU** — Se aprovado o regime parlamentarista, o novo Congresso tenderá a ser mais progressista?

**Serra** — Eu acredito que concorrerão melhores pessoas. Estou seguro de que teremos melhores candidatos. E veja, o paradoxal é o seguinte. Quanto pior for o Congresso, pior será a situação do Brasil, esteja sob o regime parlamentarista ou presidencialista. Um Congresso ruim, fraco, não é pior no parlamentarismo do que no presidencialismo. Esta é uma ilusão, uma falsidade que assumiu o status de verdade. Nunca vi uma verdade tão falsa quanto essa, em política. Qualquer que seja o regime, é sempre necessário um parlamento forte.

**JU** — O senhor acredita que o povo votará pelo parlamentarismo?

**Serra** — Estou convencido de que sim. Quero dizer as razões essenciais pelas quais sou parlamentarista. No parlamentarismo, o Congresso passa a ter mais responsabilidade. Não pode ser um poder irresponsável, como é hoje. Um poder muito grande e irresponsável, onde a grande maioria dos deputados só gosta de votar no estilo Papai-Noel. Segundo, porque posso trocar o chefe de governo quando ele não está governando bem, mesmo se for honesto. No presidencialismo, só posso tirar o chefe de governo quando provar que ele roubou ou feriu o decoro do cargo. Mas não por vias normais. É a mesma situação absurda, se me permite um exemplo forçado, de um técnico de um time de futebol, em que o time perde uma partida após a outra e não se pode afastá-lo porque tem mandato de cinco anos, o que é ridículo. Isso também é verdadeiro para os deputados e senadores porque teremos a possibilidade de dissolução da Câmara. Por outro lado, no parlamentarismo não teremos salvadores da pátria, mas certamente evitaremos desastre. O Brasil não precisa de homens públicos espetaculares. Precisa de homens públicos não-desastrosos. Só isso já seria uma grande vantagem.

**JU** — A adoção do parlamentarismo permitiria também consolidar a frágil democracia brasileira, dificultando futuros golpes de Estado?

**Serra** — Inegavelmente, pode-se ter golpes em qualquer sistema político. Acho, porém, que no sistema parlamentarista, à medida em que se pode afastar o chefe de governo sem traumas, elimina-se a possibilidade de golpe. Quando não se tem corrupção e falta de decoro comprovados, não temos como afastar um chefe de governo incompetente. Não tem jeito no presidencialismo. E isso é um fator que, às vezes, estimula o golpe.

**JU** — Em seu novo livro, *Parlamentarismo X Presidencialismo*, o sr. afirma que “o centro da crise brasileira se encontra hoje na política”. Sem as reformas institucionais necessárias não é possível ao país voltar ao desenvolvimento?

**Serra** — Acho até possível o país ter uma recuperação conjuntural no seu crescimento. Entretanto, a médio e longo prazos, com esse sistema político e eleitoral que está aí, com essas instituições, dificilmente teremos um desenvolvimento sustentado, com democracia e justiça social. (G.C.)

# “O plebiscito é oportunista”



**P**rofessor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), o historiador Luiz Felipe de Alencastro defende a manutenção do sistema presidencialista. Segundo ele, as reformas políticas e eleitorais podem ser feitas através do aperfeiçoamento do sistema presidencialista vigente.

**Jornal da Unicamp** — Desde o impeachment do ex-presidente Collor, quando o Congresso deu evidências de amadurecimento político, o país mantém-se na expectativa em relação ao governo Itamar. Ao mesmo tempo, assiste à eleição do deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE) à presidência da Câmara com uma composição considerada conservadora pelos analistas. Como presidencialista, como o sr. vê ambas as situações?

**Luiz Felipe de Alencastro** — O Congresso ainda sofre a herança perversa da ditadura, época em que ficou rodando no vazio, sem nem ao menos poder votar o orçamento da União, enquanto o país mudava de cabo a rabo. Para os presidencialistas democráticos a eleição do fisiológico Inocêncio Oliveira à presidência da Câmara também é uma má notícia. Um Congresso assumindo a plenitude de suas funções constitucionais é fundamental para aperfeiçoar o sistema presidencialista vigente.

**JU** — Que conseqüências trará para o país alterações tão profundas nas regras do jogo, neste momento de tentativa de consolidação da democracia brasileira?

**Alencastro** — Penso que o plebiscito é uma iniciativa funesta, resultado de uma manobra regimental dos parlamentaristas e dos monarquistas na Constituinte. Pior ainda do que a extensão das alterações constitucionais pretendidas é a própria indefinição dessas propostas. Quais serão, na prática, e não só no texto dos bacheleiros, as funções do chefe de Estado? Poderá haver reeleição do presidente? Qual será o papel do Senado? Dos ministros militares? Quantas vezes em seguida o presidente da República poderá dissolver a Câmara dos Deputados? A emenda popular parlamentarista, aprovada pelo bloco parlamentarista do Congresso, ignora essas questões todas e fica no vago a respeito de muitas outras.

**JU** — E se o povo brasileiro, cansado de tantas contramarchas, optar pela monarquia, em mais um gesto de protesto pela interminável crise brasileira? Estaria a população suficientemente esclarecida para compreender os prós e os contra de ca-



Alencastro: “O plebiscito é uma manobra regimental na Constituinte”.

da um dos regimes em discussão?

**Alencastro** — Tenho para mim que a proposta monarquista é uma das maiores mistificações políticas jamais montadas no país. A representatividade política do movimento monarquista foi, até a Constituinte, nula. Nem o próprio deputado Cunha Bueno — malufista de quatro costados — se elegeu para a Constituinte levando a proposta monarquista. Como disse acima, foram os parlamentaristas e, em particular, o senador José Richa, que trouxeram esse bando de farsantes para o horário eleitoral gratuito e para o plebiscito, como uma alternativa à República. A idéia de que a monarquia é neutra, propalada pelos monarquistas, é uma aberração histórica: as atuais monarquias parlamentaristas foram, isto sim, neutralizadas através de um processo multissecular no qual os reis tirânicos e tarados perderam o pescoço. As monarquias instauradas no século XX redundaram num rematado desastre. Na Hungria, Bulgária, Albânia, Iugoslávia e Romênia, os reinhos ali

instaurados depois da Grande Guerra se bandearam para o lado de Hitler. A Espanha era uma monarquia até 1931. Por enquanto, o arreglo montado por Franco para dar a coroa real a Juan Carlos tem dado certo. Nada garante que amanhã a Espanha continuará sendo uma monarquia. Ou ninguém se lembra mais que houve lá uma sangrenta guerra civil onde 1 milhão de republicanos perderam suas vidas lutando contra as horridas fascistas e monarquistas comandadas por Franco? Acho escandaloso o oportunismo dos parlamentaristas republicanos que agora posam de aliados dos monarquistas. Nenhum país do mundo realizou um plebiscito desse escopo, com alternativas tão amplas e tão vagas. Teóricos parlamentaristas como Juan Linz e Valenzuela, acham o plebiscito brasileiro um “grave equívoco”, e Giovanni Sartori pensa que o nosso plebiscito é uma “besteira”.

**JU** — A questão da governabilidade, tão evocada pelos parlamentaristas, depende, de fato, da mudança de regime?

**Alencastro** — Governabilidade não é um conceito politicamente neutro. Nos anos 70 a classe dominante brasileira, Delfim Netto, Jarbas Passarinho e outros “estadistas do AI-5” pensavam que a governabilidade passava pelo DOI-CODI, pela tortura e pela censura da imprensa. Duvido que o bacharelismo resolva, com sistemas de governo pretensamente infalíveis, as tensões regionais e sociais brasileiras.

**JU** — Muitos artigos da Constituição de 1988 não foram sequer regulamentados. A revisão constitucional está próxima. Não seriam prejudiciais à estabilidade política e econômica do país tantas reformas simultâneas?

**Alencastro** — O plebiscito em si não resolve nada. Só dará autoridade para um ou outro grupo extrapolar o sentido da sua vitória em abril para tentar orientar a revisão constitucional de outubro.

**JU** — Num olhar para os modelos dos países desenvolvidos podemos observar um presidencialismo com um Congresso forte nos Estados Unidos e um parlamentarismo considerado modelo na Inglaterra. Qual seria, em sua opinião, o regime político ideal para o Brasil face à atual conjuntura política e econômica?

**Alencastro** — Creio que o sistema dito misto, semipresidencialista, com um presidente eleito pelo voto direto ao lado de um primeiro-ministro, seria o pior dos mundos. Se o primeiro-ministro não for de sua confiança, o presidente eleito fará imediatamente campanha para assumir a totalidade do poder executivo federal. Se o primeiro-ministro for, ao contrário, do mesmo bando que o presidente, ninguém mais tira eles de lá, ou melhor, sai um chefe de governo fisiológico e entra outro, sai Inocêncio e entra José Lourenço, depois o Roberto Cardoso Alves etc.

**JU** — Dá para se pensar em mudar o regime sem uma reforma eleitoral e partidária?

**Alencastro** — Os próprios parlamentaristas dizem que tudo isso terá que ser mudado. Quando e como eles não dizem, porque não sabem.

**JU** — O parlamentarismo não viria ordenar de algum modo, uma sociedade desorganizada como a nossa, com uma burocracia estatal perversa, onde a sociedade civil apenas começa a se estruturar?

**Alencastro** — Creio que não, sobretudo quando se dissimula a extensão e o sentido das reformas parlamentaristas.

**JU** — Na opção pela continuidade do regime presidencialista, quais as reformas necessárias para a governabilidade do país e a redução da pobreza?

**Alencastro** — Acredito que a adoção do voto distrital misto, a correção da sub-representação de alguns estados, o aproveitamento da virtualidade dos dois turnos, o controle efetivo e democrático do orçamento pelo Congresso, o desatrelamento do Banco Central do executivo federal, são reformas necessárias em qualquer regime.

**JU** — Pesquisa da Data Folha em 7 de fevereiro último aponta leve vantagem do presidencialismo, revertendo assim uma situação anterior. O senhor acredita que essa tendência irá se manter?

**Alencastro** — Quando se olha a curva das pesquisas feitas sobre esse assunto nos últimos dois anos, logo se vê que o parlamentarismo cresceu durante a histeria agônica do governo Collor e decresceu depois que a presidência democrática de Itamar Franco se tornou efetiva. Penso que essa tendência irá continuar. (G.C.)

## Plebiscito contempla três formas de governo

Ao completar 104 anos de República, com uma rápida passagem pelo sistema parlamentarista — entre setembro de 1961 e janeiro de 1963 —, o povo brasileiro volta a escolher, em plebiscito popular, a sua forma de governo. No dia 21 de abril, por decisão constitucional, o regime presidencialista, vigente, será colocado em cheque num confronto com o parlamentarismo e com a monarquia. A menos de dois meses do referendo popular, a população permanece indecisa sobre a nova forma de governo. Veja aqui as características principais de cada regime, que pode também ser misto. Na França, por exem-

plu, o sistema de governo é o presidencialismo misto com o parlamentarismo.

**Presidencialismo** — Caracteriza-se pela concentração dos poderes do chefe de Estado e de governo numa única pessoa. O presidente é escolhido por sufrágio universal, direto ou indireto. Cabe ao Parlamento a fiscalização do governo. Exemplos de países presidencialistas (republicanos): Estados Unidos, Argentina, Brasil.

**Monarquia** — Sistema de governo em que um rei, por direito hereditário, representa o Estado no cenário internacional. De maneira geral, a chefia da Nação é exercida por um primeiro-

ministro proposto pelo Congresso e nomeado pelo rei. Países monarquistas: Espanha, Reino Unido, Japão.

**Parlamentarismo** — É o regime de governo no qual o chefe de Estado é escolhido Parlamento, com um natural pelo fortalecimento dos partidos. Cabe ao partido majoritário ou à coalizão de partidos a escolha do primeiro-ministro. Permite a dissolução do Congresso e a perda de mandato do primeiro-ministro. Países parlamentaristas: Itália, Portugal, Alemanha. O presidente, que pode ou não ser eleito direto pelo povo, tem, no entanto, função limitada. (G.C.)



# Graduação é pr

*Desde o início colocada sob o signo da qualificação, a administração do reitor Carlos Vogt entra em seu quarto e último ano elegendo como prioridade para o período a reestruturação dos cursos de graduação da Universidade. Já está concluído um diagnóstico geral da área. Nesta entrevista, o reitor explica o projeto e faz um balanço de suas realizações até agora.*

**Jornal da Unicamp — Em 20 de abril o sr. completa três anos à frente da Unicamp. É possível sintetizar, em linhas gerais, o que foi possível fazer nestes três quartos de mandato?**

**Carlos Vogt —** A atual administração procurou demarcar o seu programa sob o signo da qualidade, do desenvolvimento e do crescimento em qualidade da instituição. Desde o início o Projeto Qualidade traçou os pontos sob os quais a instituição deveria organizar-se para o seu desenvolvimento. Tenho a impressão de que, hoje, toda a comunidade sente que esse programa se desenvolveu e realizou etapas importantes na consolidação institucional do ponto de vista da qualidade das atividades essenciais da Universidade. Quero dizer: houve progressos relevantes no ensino, na pesquisa, nas atividades de extensão, na organização da carreira, nos requisitos institucionais, formais e substantivos para o exercício das atividades de docência, de pesquisa, de extensão e na própria qualificação do corpo técnico e administrativo da instituição.

**JU — Pode-se dizer, nesse caso, que sua expectativa se cumpriu?**

**Carlos Vogt —** Tenho a impressão de que, se olharmos em retrospectiva o programa de administração que havíamos estabelecido quando nos apresentamos como candidato ao cargo de reitor, e se olharmos ponto a ponto o seu conteúdo em confronto com o que foi realizado desde então, meu sentimento é de que o que estava lá programado já se realizou quase integralmente. Iniciamos agora um período final de consolidação do que foi feito.

**JU — No contexto do Projeto Qualidade, grande ênfase foi dada ao programa de qualificação docente. Em sua opinião, a Unicamp é, hoje, uma universidade mais qualificada que antes?**

**Carlos Vogt —** Certamente que sim, sobretudo se considerarmos o crescimento significativo do número de professores doutores e o número de professores de tempo integral com os quais contamos agora. Isto é, um dos pontos fortes do programa é exatamente a qualificação acadêmica dos docentes, e o doutoramento é o momento necessário dentro desse processo de qualificação, embora não seja suficiente, já que o processo continua depois. Mas os números são muito expressivos e mostram uma universidade com mais de 85% de seus professores em regime de tempo integral e com 66,1% de seu corpo docente com pelo menos o título de doutor. Acho que isto entra na dinâmica da qualificação das atividades, uma vez que todos os professores se qualificando para o exercício pleno de suas funções — para a docência, para a pesquisa, para a orientação de trabalhos etc — a Universidade como um todo ganha um corpo docente que indistintamente pode atuar tanto na graduação como na pós-graduação, enfim em todos os níveis do processo de formação dos estudantes.

**JU — Essa qualificação pode ser aferida, também, nos níveis de desempenho demonstrado pelos cursos de pós-graduação nos últimos três anos. Qual foi o objetivo e o resultado desse esforço?**

**Carlos Vogt —** Bom, basta ver os indicadores para constatar que nos últimos três anos a pós-graduação da Unicamp deu um salto sem precedentes. Houve progressos em muitos sentidos: no aumento do número de teses defendidas, na redução dos prazos de integralização, na expansão do número de bolsas e no próprio desempenho dos cursos e de seus grupos de professores. Não tenho dúvidas de que, à medida que a qualificação docente foi se tornando um processo visível e palpável, a pós-graduação e todo o seu elenco de alunos foram tomando consciência dessa elevação de parâmetro, de padrão. Não foi por acaso, por exemplo, que das 455 teses defendidas há quatro anos saltamos para 768 em 1992. O crescimento tem sido constante e acentuado, a um tal ponto que a produção de teses nos três últimos anos (2.104, ao todo) corresponde a nada menos que 32% da totalidade de teses defendidas ao longo de toda a história da pós-graduação da Unicamp. Paralelamente, registrou-se uma consistente diminuição dos prazos médios de conclusão, em torno de 42 meses para o mestrado e de 48 meses para o doutorado. O número de bolsas cresceu 75% de 91 para cá e, ao mesmo tempo, houve um aumento progressivo do número de alunos de pós-graduação: de 4.829 há dois anos para 6.000 este ano. Juntando tudo isso aos resultados da última avaliação da Capes, quando 75% de nossos cursos obtiveram conceito A, somos levados a crer que não só os cursos de pós-graduação experimentam uma qualificação real

em seus mecanismos como possivelmente essa subida de nível reflete o crescimento qualitativo geral das atividades da Unicamp.

**JU — O sr. tem dado muita importância, também, ao estreitamento das relações com o empresariado e com a indústria. Em sua administração nasceram o Escritório de Transferência de Tecnologia, num plano mais amplo o Instituto Universidade-Empresa, e os contratos entre a Unicamp e a indústria aumentaram em mais de 50%. Quais são os frutos reais dessa política?**

**Carlos Vogt —** Bem, um dos frutos mais evidentes é o fato de que os contratos com a indústria aumentaram significativamente. De um ponto de vista mais amplo, essa aproximação permitiu gerar um clima — não só regional mas também nacional — propício a que essa aproximação entre o setor industrial e o setor universitário rompesse barreiras até então consideradas intransponíveis. Gerou também condições para que se buscassem formas efetivas de reflexão no que diz respeito ao próprio destino da educação e do papel da educação no país. Considero que essa experiência teve um resultado pedagógico bastante grande — e é preciso continuar a implementá-lo — que tem como horizonte a busca de condições para que se criem no país agentes múltiplos de financiamento da educação. Isso diz respeito tanto à educação de nível superior como à educação em seus níveis básico e secundário. Penso que essa aproximação na verdade não só quebrou as tais barreiras como permitiu, ao mesmo tempo, que vários projetos de interesse social pudessem ser discutidos sem preconceito e sem prejuízos de qualquer espécie, preservando-se inteiramente a identidade e a autonomia dos setores envolvidos. Não se tratava, evidentemente, como não se trata agora, de “industrializar” a Universidade e muito menos (com perdão do neologismo) de “universalizar” a indústria. No fundo era preciso sensatamente encontrar um terreno comum onde a Universidade e o setor industrial pudessem atuar juntos dentro de um domínio que é a chave dos dois, o do desenvolvimento científico e tecnológico. Acho que muitos dos preconceitos — entre eles essa da distinção entre pesquisa básica e pesquisa aplicada — foram amplamente superados e há um clima de boa vontade geral de ambos os lados, trabalhando a favor de uma cooperação real e frutífera entre Universidade e indústria.

**JU — Recentemente o sr. fechou um grande contrato para reequipamento da Unicamp no setor de informática, alcançando especialmente a área de saúde. Isso consolida a posição que a Unicamp já ostenta, de universidade brasileira mais bem informatizada?**

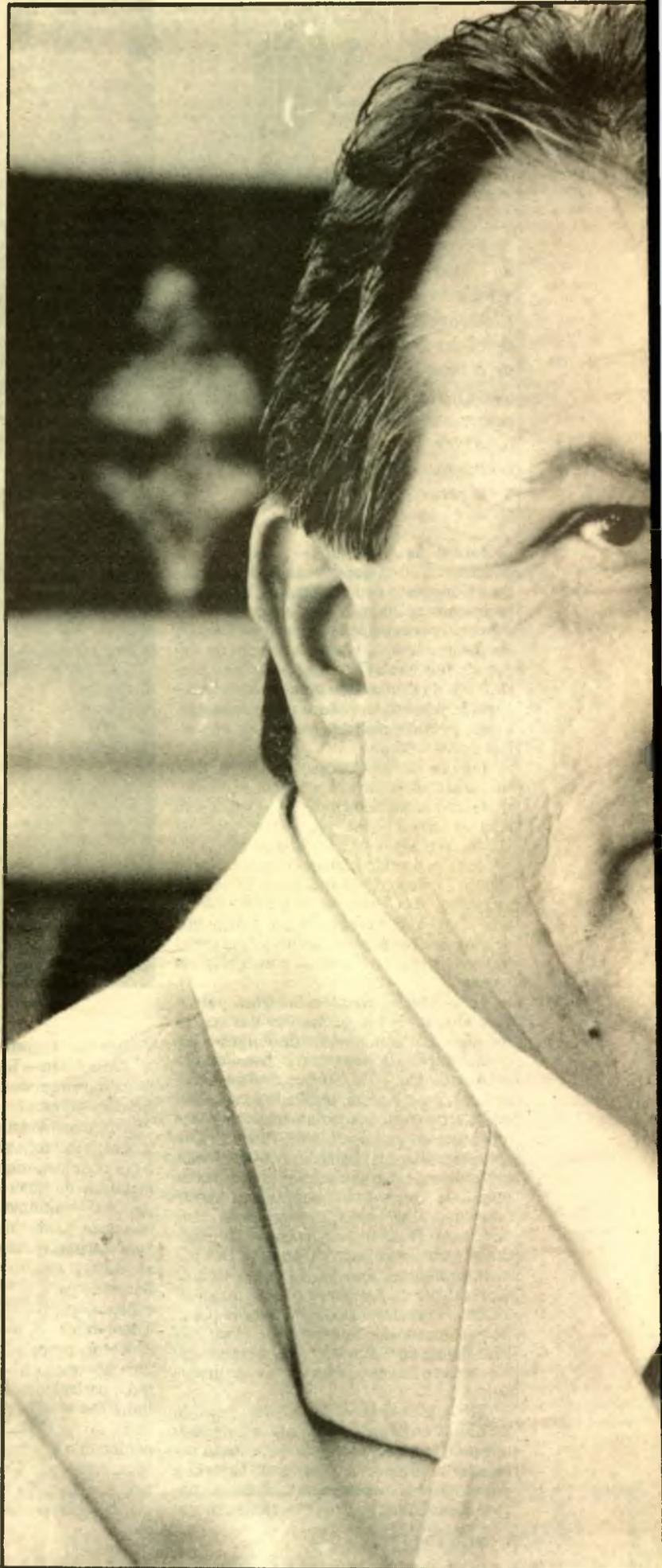
**Carlos Vogt —** Tenho a plena convicção que sim. Com a aquisição dos sucessivos lotes de computadores e demais componentes para uso administrativo e para fins científicos, e com o projeto de integração de toda a rede hospitalar da Unicamp e suas diversas unidades, seus diversos centros de atendimento, nós consolidamos a posição da Universidade como um dos centros mais bem informatizados de toda a América Latina. A capacidade instalada no Centro de Computação, através dos mainframes que lá existem, através do IBM 3090 que já está funcionando, das mais de 200 estações de trabalho em atividade, da rede de fibra óptica e sobretudo da capacitação técnica do nosso pessoal, que é hoje considerado pessoal de alto nível, a ponto de atuar até mesmo a nível de convênios nacionais e internacionais, tudo isto significa que a Universidade se aparelhou não apenas para o desenvolvimento de sua dinâmica própria mas também para a prestação de serviços nas mais diferentes áreas.

**JU — Quatro anos depois de implantada a autonomia de gestão financeira nas universidades paulistas, como o sr. avalia o desempenho financeiro e administrativo que ela possibilitou levar adiante?**

**Carlos Vogt —** Bom, filosoficamente penso que a autonomia é a chave de toda a capacidade de uma instituição se desenvolver adequadamente. Se a autonomia estabelece um princípio de liberdade de ação, estabelece igualmente um princípio de responsabilidade sobre essas ações. Ninguém ignora que estes últimos anos têm sido e continuam sendo anos duros do ponto de vista da receita, com quedas significativas da arrecadação. Só este ano o Estado teve uma redução de US\$ 2 bilhões só na arrecadação do ICMS — imposto que provê os recursos orçamentários das universidades estaduais paulistas —, o que representou, no caso da Unicamp, uma queda orçamentária real de

“Iniciamos agora um período de consolidação do que já foi feito”.

“Nos últimos três anos, a pós-graduação deu um salto sem precedentes”.



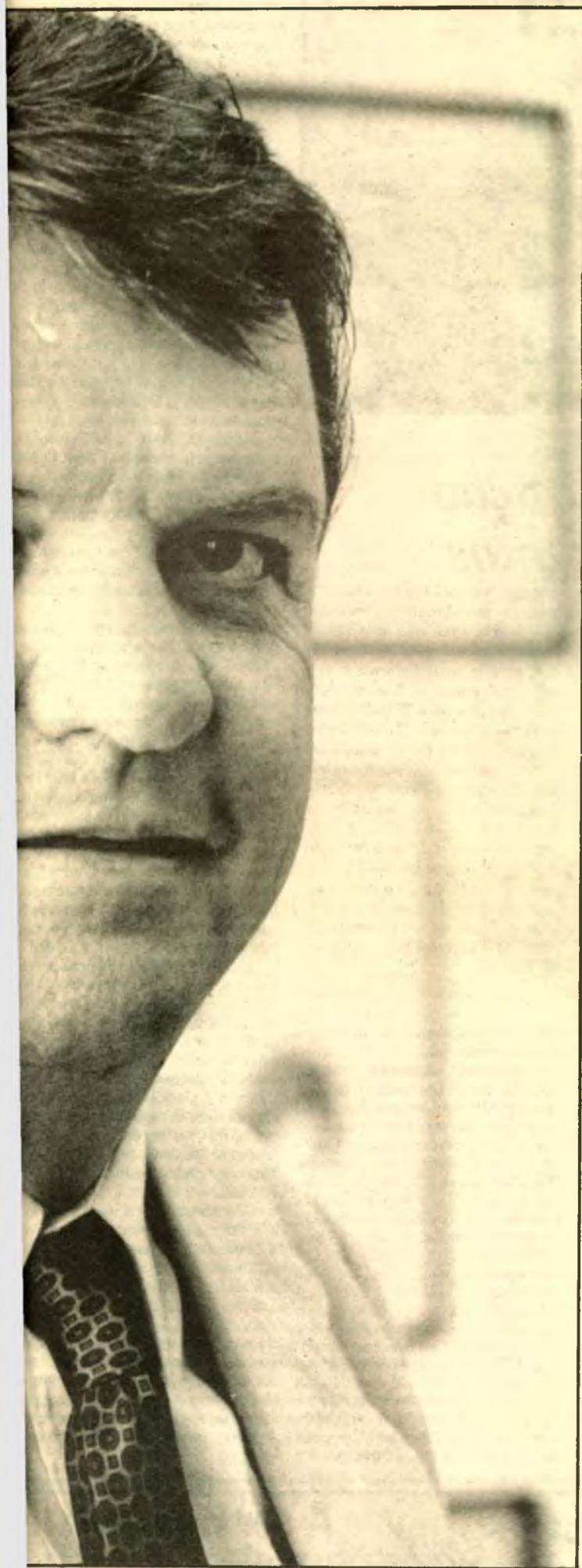
Carlos Vogt: busca do desenvolvimento integrado



“A gestão universitária é um exercício dinâmico, em especial quando se trata de uma instituição tão viva.”

Carlos Vogt

# oridade em 93



via da qualificação da Universidade.



*“Ao princípio da liberdade de ação corresponde, na autonomia, a contrapartida da plena responsabilidade”.*

quase US\$ 50 milhões em 1992. Mesmo assim, com o orçamento impactado pela recessão, a prática da autonomia vem mostrando que é possível fazer com que a instituição vá se organizando de maneira a enxugar a sua máquina para torná-la cada vez mais eficiente e produtiva. Os últimos anos mostraram que a Unicamp conseguiu, através do processo de qualificação de suas atividades — e isso é parte essencial do Projeto Qualidade — aumentar a sua produtividade, crescer em números e crescer consequentemente em qualidade também, fazendo frente aos duros cortes orçamentários.

**JU — Sabe-se que o sistema universitário brasileiro sofreu, nos últimos anos, um violento processo de sucateamento. Ainda que as universidades paulistas sejam uma exceção, como é possível a elas, em sua situação de ilhas de excelência, manter compatibilidades com a ciência do mundo desenvolvido?**

**Carlos Vogt —** Bom, um dos dramas do sistema universitário brasileiro é esse, embora falar de sistema aqui seja quase um abuso de expressão. Na medida em que o governo federal tem dado realmente pouca atenção às universidades públicas, o que se tem é um aglomerado de universidades com níveis de desenvolvimento díspares e situações de qualidade bastante diferenciadas — disparidade que mais se acentua quando se as confronta com a situação das três universidades paulistas. Eu diria que essa diferenciação tem muito a ver com o decreto de autonomia de gestão financeira que beneficiou a Unicamp, a USP e a Unesp, razão por que eu sou tão adepto e tão fervorosamente defensor do princípio da autonomia, mesmo que a questão dos recursos oscile de acordo com o desempenho da economia. Mas acredito, ao mesmo tempo, que o que não podemos fazer é manter situações tão diferenciadas a ponto de essas três universidades se perpetuarem como “ilhas de excelência”, porque a falta de um mercado acadêmico para o país será catastrófico, não só do ponto de vista dos recursos humanos como também da efetiva participação científica e tecnológica do sistema universitário no processo de desenvolvimento. Para isso é preciso que se possa trocar experiências e que, através de um mercado acadêmico rico e variado, se possa estabelecer um clima saudável de estímulo recíproco. E é preciso também algum investimento. Bobagem é dizer que o sistema não funciona ou que funciona inadequadamente, ou que é melhor abandoná-lo à própria sorte. Isso é derrotismo e falta de informação. O que aí está pode não ser o ideal, mas é o que temos e foi construído a duras penas. Vá alguém recomendar tudo do zero. Seria infinitamente mais difícil. O que preciso é qualificar o que existe.

**JU — No final do ano passado o sr. elegeu 1993 como “o ano da graduação”. O que está sendo feito para justificar essa disposição?**

**Carlos Vogt —** Bom, uma das idéias é exatamente esta: a Unicamp é uma universidade com uma tradição muito grande na pesquisa e no ensino de pós-graduação, e isso se acentuou ainda mais com o Projeto Qualidade. Mas o Projeto Qualidade na verdade visa antes de tudo ao desenvolvimento integrado das atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo que um dos objetivos desse projeto é efetivamente superar esse gênero de dicotomia. Daí que, ao mesmo tempo em que a pós-graduação mostra índices de qualidade cada vez mais notáveis, estamos debruçados sobre metas bastante específicas que visam a encontrar as melhores condições para o crescimento qualitativo da graduação. A análise dessas questões não é coisa nova, estamos trabalhando sobre elas há bem dois anos, mas agora consolidamos propostas bastante concretas para serem colocadas em prática ao longo deste ano; daí a idéia de elegermos 1993 como o ano da graduação, dando ênfase a essa preocupação. Uma das medidas que foram imediatamente tomadas, do ponto de vista administrativo, foi a de se dedicar aos programas de graduação algo em torno de 400 mil dólares ano, distribuídos às unidades de acordo com critérios também qualificados (número de estudantes, custo do aluno etc), de maneira que essa atividade tenha um respaldo material que possa contribuir de modo efetivo, ao lado das medidas de modificação estrutural dos cursos, para o seu crescimento em qualidade.

**JU — Que problemas gerais o senhor apontaria na graduação da Unicamp hoje?**

**Carlos Vogt —** Bom, nós tivemos a oportunidade de organizar uma publicação que reúne os elementos essenciais para um diagnóstico aprofundado da graduação da Unicamp. Nesse documento procuramos relacionar alguns dos problemas que a própria comunidade acadêmica tem apontado como estruturais e a exigir uma revisão necessária para um funcionamento mais adequado na graduação. Esses problemas têm a ver com a necessidade de fixar melhor os estudantes nos cursos que escolheram. É algo que diz respeito basicamente à própria estrutura organizacional desses cursos. De um lado está a

questão da interação, do funcionamento harmônico entre os cursos básicos e os cursos profissionalizantes, e de outro a questão das licenciaturas e das chamadas disciplinas pedagógicas. Esses temas têm sido e continuarão a ser discutidos ao longo do ano. Há outras medidas que estão sendo propostas e deverão ser tomadas através da Pró-Reitoria de Graduação, da Comissão Central de Graduação e da própria Comissão de Vestibulares, que atuam também como elemento importante no processo de adequação da vida do estudante que entra para a Universidade. São medidas que vão desde a recepção ao ingressante no início do período letivo, até aquelas que eu diria mais pedagógicas, capazes de propiciar uma identificação mais profunda do aluno com o seu curso superior. Vou citar duas coisas que certamente nós colocaremos em prática. Uma delas é a criação da figura do orientador de programa, uma espécie de tutor do estudante, capaz de acompanhar o seu desenvolvimento na Universidade e detectar, desde o início, possíveis problemas que possam surgir na sua vida educacional; a, a partir daí, encontrar preventivamente as soluções para esses problemas, de comum acordo com o estudante, antes que ele acabe se desiludindo por falta de identificação com a carreira ou por falta de condições de assimilação do curso.

**JU — Na prática, como isso se fará?**

**Carlos Vogt —** Vou dar um exemplo. Ao lado desse acompanhamento mais prolongado, uma medida de impacto inicial será, talvez, logo na quarta ou quinta semana, os cursos farão uma avaliação da capacidade efetiva do estudante nas diferentes disciplinas, de modo a poder identificá-los desde logo em categorias distintas de capacidade de entendimento, de conhecimento e de absorção das matérias. Deste modo se poderão também organizar medidas pedagógicas de acompanhamento que possam contemplar essas diferenças, contribuindo assim para uma gradativa identificação do estudante com o curso e com o conjunto de disciplinas. De todo modo, creio que entre as várias questões prioritárias a serem consideradas está aquela que diz respeito à integração efetiva das chamadas disciplinas de serviço (que prefiro chamar disciplinas de formação) com as disciplinas profissionalizantes. Isto é fundamental para que se procure dar ao estudante a exata noção de que as disciplinas básicas, as disciplinas de formação são disciplinas que se conectam de maneira orgânica aos objetivos profissionais do curso que ele escolheu. Isso tem a ver, naturalmente, com a questão da administração desses cursos, dessas disciplinas. Daí a idéia de procurarmos também valorizar os coordenadores de curso, no sentido de que eles, usando a capacidade e a autoridade de sua função, atuem de modo a que todas as disciplinas possam ser coordenadas tendo em vista os objetivos de formação profissional nas carreiras escolhidas pelos estudantes.

**JU — Na perspectiva do seu programa de trabalho, o que resta fazer nos treze meses de administração que o sr. tem pela frente?**

**Carlos Vogt —** Bom, a administração universitária é um exercício dinâmico, sobretudo quando o que está em causa é uma instituição viva como a Unicamp. Os programas e as linhas de trabalho não têm propriamente um termo de encerramento, no sentido de que uma vez desencadeado um programa esse programa precisa ser acompanhado para que possa resultar em algo positivamente duradouro. Não basta uma boa idéia, um bom projeto ou a organização técnica de um programa; é preciso ir sempre mais longe, até que o projeto ou programa encontre as condições adequadas para a sua consolidação. Como isso se fará? Certamente dando seqüência aos projetos que já estão implantados, na perspectiva do Projeto Qualidade, seja na área da pós-graduação, seja na da graduação, da pesquisa ou da extensão, através de todas as atividades que vêm sendo desenvolvidas em conjunto com o setor industrial, das atividades cada vez mais amplas da Escola de Extensão e das múltiplas frentes assistenciais que realizamos através do complexo médico-hospitalar da Universidade. Naturalmente vamos enfatizar o processo de maior qualificação da graduação, e vamos também procurar nos colocar cada vez mais à disposição das diversas entidades, das diversas instituições, governamentais ou não, no sentido de buscarmos contribuir para a solução dos graves problemas sociais que afetam o nosso país. A situação do país é socialmente grave, economicamente complicada, e o papel de uma instituição como a Unicamp é mostrar-se não só disposta como também apta a apresentar propostas concretas à sociedade e aos diversos níveis de poder público. Creio que a Unicamp tem feito isso e essa atuação vai desde a formação de bons profissionais até o oferecimento de serviços qualificados, passando pelo já grande número de intelectuais da instituição que, cada vez mais, se ocupam de responsabilidades públicas de primeira linha. (E.G.)

*“A Unicamp tem de se mostrar apta a apresentar propostas”.*

*“Era preciso encontrar um terreno comum entre a Universidade e a indústria”.*

# Plano de informática atinge objetivo

**Novos contratos garantem atualidade técnica do parque de equipamentos.**

Assinar dois novos contratos com a IBM do Brasil, em dezembro passado, a Unicamp cumpriu mais uma etapa de sua política de informática. "Isso possibilitará manter a instituição tecnicamente atualizada por mais dois anos", diz o reitor Carlos Vogt. Além de complementar o potencial do computador de grande porte IBM 3090 com a aquisição e o empréstimo de equipamentos, a nova fase coloca em atividade o Centro de Computação de Alto Desempenho, que visa a apoiar os programas de pesquisa que requerem o uso intensivo de recursos computacionais. Outra novidade consolidada pela política de informática da Universidade é a implementação, dentro do Programa de Atualização e Expansão de Infra-estrutura de Informática, da rede da área de saúde que integra todas as informações do complexo hospitalar.

Entre equipamentos cedidos e adquiridos, os dois convênios totalizam US\$ 1,5 milhão, sendo que um terço desse valor cabe à Universidade pagar parceladamente à empresa. Outro detalhe é que até o final de 1994, segundo o cronograma de estruturação da rede, os equipamentos cedidos serão entregues gradativamente e com versões atualizadas. Em se tratando de avanço tecnológico, desta forma a Unicamp coloca-se em posição singular no panorama das instituições de ensino superior brasileiras, segundo o pró-reitor de Pesquisa e membro da Comissão Diretora de Informática da Universidade (CDI). Armando Turtelli Junior. Ele explica que o fato decorre de a Unicamp possuir uma política de informática definida e executada pela comissão com o total apoio da Reitoria, que otimiza as suas ações para colocar à disposição dos docentes e alunos, dentro das limitações orçamentárias de uma universidade pública e sem recorrer a empréstimos externos, os mais modernos recursos computacionais.

Uma peculiaridade dessa política de informática é a opção por diferentes modelos e tipos de máquinas, não implicando em um único fornecedor. Diante da gama de equipamentos, a Universidade toma o cuidado de integrar todas as máquinas através da Uninet (rede Unicamp), permitindo a ligação de mainframes (grandes equipamentos) entre si e aos cerca de 3.000 microcomputadores. O material instalado no Centro de Computação e em parte do parque computacional da Universidade ilustra essa característica: são aproximadamente 300 estações de trabalho SUN, DEC, HP e IBM/RISC, três micros VAX 3100, dois VAX 4000 em cluster (associação de máquinas), o IBM 3090 versão 20J, um Vector Facility com 400 terminais, outro cluster de 8 RISC 6000/560 interligadas para processamento paralelo com rede FDDI de alto desempenho e um Server SUN 390.



Assinatura de contrato com a IBM: reequipamento.

## Trabalho de atualização teve início há três anos

A atualização do parque computacional da Unicamp começou há três anos, com a chegada dos equipamentos de alta velocidade. No ano passado, no entanto, três fatos relacionados à máquina central da Universidade marcaram o processo de modernização minuciosamente planejado, como salienta o diretor do Centro de Computação, Hilton Silveira Pinto.

O primeiro passo foi a substituição das duas máquinas centrais VAX 785, adquiridas em 1972, pelas cluster VAX 4000. A segunda medida foi a implantação da rede Uninet, estruturada em fibras ópticas e que interliga 250 estações de trabalho SUN com sistema operacional UNIX. Na rede estão conectados os computa-

dores centrais e grande parte dos 2.000 microcomputadores existentes no campus. Isso equivale a cerca de 1.200 terminais de acesso à Uninet, ligada internacionalmente a qualquer país que esteja nas redes Internet e Bitnet. O terceiro ponto foi a atualização do IBM 3090 para a versão 20J, em substituição ao modelo 15E, que era tido como um supercomputador.

Paralelamente àquelas iniciativas eram instaladas 30 estações de trabalho de tecnologia RISC, das quais oito RISC 6000/560 foram especialmente configuradas para alto desempenho, com a montagem de um cluster para processamento paralelo. Ou seja, é uma rede especial para operação conjunta que

atende a pesquisadores, alunos e sistemas administrativos. Procurando seguir a tendência mundial de inovação tecnológica na área da computação, posteriormente a Universidade criava a Uninet, rede Unicamp, pela qual 57 quilômetros de fios telefônicos e 17 quilômetros de fibras ópticas (serão ampliadas para 24 quilômetros) interligam microcomputadores e estações de trabalho entre si, com outras redes brasileiras e estrangeiras. A mais recente iniciativa de modernização do parque computacional é o convênio com a IBM para a informatização da área do complexo hospitalar da Universidade, aproveitando parte da rede telefônica existente. (C.P.)

Novo centro — Implantado em dezembro último, o Centro de Computação de Alto Desempenho da Unicamp aumenta em dez vezes a capacidade de processamento das máquinas do parque computacional e atende a projetos específicos da área científica. Integram o centro oito estações de trabalho RISC 6000/560, dotadas de memória central de 128MB, com 1.7GB de disco rígido e com várias placas de rede, que permitem a sua conexão em anel à rede Uninet e ao IBM 3090-20J. São duas as finalidades principais do centro: promover o apoio direto aos pesquisadores que utilizam o computador de maneira intensiva e como ferramenta essencial para as suas atividades; e formar recursos humanos aptos a utilizar as arquiteturas de processamento computacional paralelo.

A curto prazo, isso implica melhorar a competitividade e a qualidade

das pesquisas realizadas pelos docentes da Universidade. Além disso, contribui para a formação de uma nova geração de profissionais, através de qualificados trabalhos de pesquisa desenvolvidos em ambiente dedicado e sob a orientação contínua dos professores. A fim de garantir e acompanhar o cumprimento desses objetivos, o centro é controlado pela CDI, que determina as normas de utilização dos equipamentos através de uma criteriosa seleção dos projetos dos pesquisadores interessados. A CDI é presidida pelo reitor Carlos Vogt e tem como vice-presidente o pró-reitor de Pesquisa, Armando Turtelli Junior. De la fazem parte o diretor do Centro de Computação, Hilton Silveira Pinto, o assessor da Coordenadoria Geral da Universidade (CGU), Plínio Dentzien, e o representante da Administração Central, José Carlos Folegatti,

além de professores de diferentes áreas de pesquisa.

O professor interessado em utilizar o Centro de Computação de Alto Desempenho deve encaminhar à CDI um projeto, que será julgado nos moldes daqueles enviados para o Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (Faep) da Unicamp. Com duração inicial de um ano, o projeto poderá ser renovável por solicitação acompanhada de relatório das atividades realizadas no primeiro período. Em termos operacionais, o novo centro dá acesso às comunidades científicas brasileiras, via rede, desde que os seus projetos tenham sido analisados pelos assessores *ad hoc* e aprovados pela CDI. A Universidade Federal Fluminense (UFF), por exemplo, foi a primeira a firmar convênio para o uso do centro, cobrindo inicialmente a área de física. Tanto a Unicamp como a IBM têm expectativa de, em

pouco tempo, estar atendendo uma parcela dos usuários brasileiros de supercomputação, seja com a oferta de acesso aos recursos do centro ou através de cursos e workshops ministrados por especialistas de renome internacional. Esse programa deverá ser desenvolvido na nova sede do Centro de Computação da Unicamp, construída com recursos da própria Universidade, e a ser inaugurada nos próximos meses.

Área da saúde — O precário funcionamento do sistema de saúde do país que, entre outras consequências, aumentou a sobrecarga dos hospitais universitários, tornou imprescindível à Unicamp incluir a área de atendimento médico em sua política de informática. O projeto, já iniciado, atinge atualmente a sua fase efetiva de implantação através de outro convênio com a IBM, que beneficia o Hospital das Clínicas (HC), o Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism), o Gastrocentro, o Hemocentro, o Centro de Saúde da Comunidade (Cecom) e o Centro de Engenharia Biomédica (CEB). O que se espera alcançar é a capacitação de recursos humanos no desenvolvimento de sistemas dedicados para a área e o apoio direto às pesquisas médicas, principalmente em epidemiologia, toxicologia e medicina social, que requerem o manuseio de grande volume de dados.

Para isso, o convênio prevê em sua primeira fase, já em execução, a duplicação do mainframe do HC, a instalação de terminais em todos os locais de atendimento do hospital e nas unidades da área de saúde (enfermarias, laboratórios ou agendamentos de consultas, por exemplo) que já tenham condições de operá-las, bem como a instalação de estações de trabalho e a ligação da rede da saúde à Uninet. No total serão 100 equipamentos, entre microcomputadores, estações RISC, terminais, impressoras de alta velocidade e impressoras laser, que serão adquiridos através da compra direta no mercado ou por intermédio da parceria com a IBM.

Esse conjunto de máquinas permitirá o acesso ao mainframe da Universidade e integrará todo o campus de Campinas. Isso significa que, além de duplicar a capacidade de processamento, melhorar as condições de ensino e pesquisa e facilitar os trabalhos em desenvolvimento, a integração da área da saúde à rede Uninet permitirá aos docentes e alunos o acesso aos sistemas centralizados e ao banco de dados de informações gerenciais.

Ao explicar que a integração visa à otimização dos recursos disponíveis e da utilização de equipamentos, Turtelli ressalta que a política de informática da Universidade leva em consideração a evolução tecnológica do setor. Para os dois convênios firmados em dezembro último, foi formada uma comissão mista com integrantes da CDI e da IBM, com a função de definir o procedimento da atualização tecnológica dos equipamentos a serem entregues parceladamente. (C.P.)



## GUIDO SHELL

**QUALIDADE DO COMBUSTÍVEL  
E  
GARANTIA DE BONS SERVIÇOS**

### FORMULA

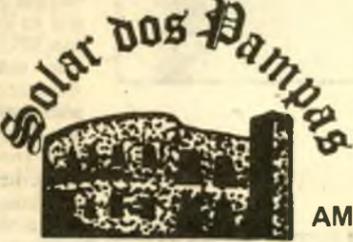
# Shell

Só Shell tem a fórmula

**\* LAVAGEM RÁPIDA GRÁTIS**

**CARVÃO - SORVETES KIBON - BEBIDAS E GELO**

AV. ALBINO J. B. DE OLIVEIRA, 1.001 - BARÃO GERALDO  
FONE: 39-1442



## A semana toda a melhor comida da região

Venha comprovar!  
**AMPLIAMOS NOSSAS INSTALAÇÕES  
PARA MELHOR SERVIÇO**

**DE SEGUNDA A SEGUNDA:**

- 18 Tipos de pratos quentes
- 34 Tipos de pratos frios

Saudações aos Calouros  
da Unicamp

À noite servimos porções, Pizza, Rodízio, Cerveja e Chopes.

**ACEITAMOS ENCOMENDAS P/ FESTAS**

**ACEITAMOS TODOS OS TIPOS DE VALES REFEIÇÕES.**

Av. Dr. Romeu Tórtima, 165 - Barão Geraldo - Fone: 39 - 1484

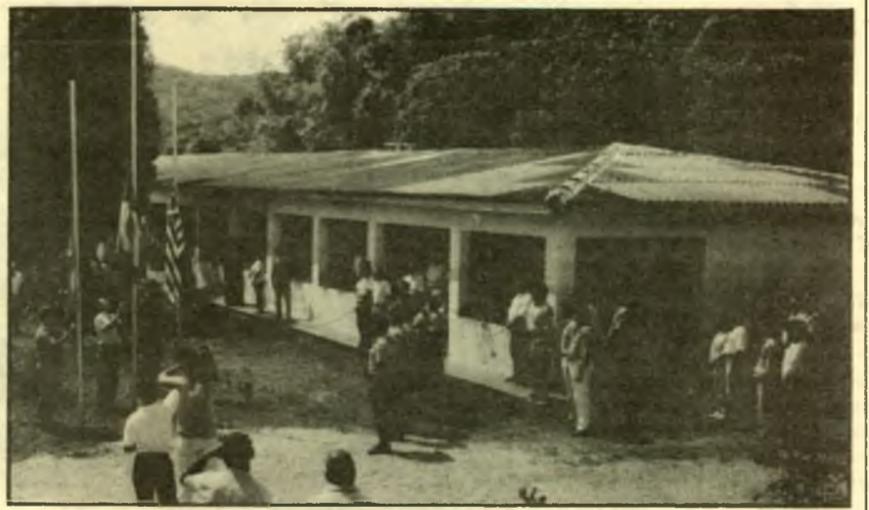
# Unicamp ganha base ecológica

## Projeto dinamiza estudos sobre flora e fauna da serra do Japi.

No município paulista de Jundiá, a Unicamp mantém, desde o final do ano passado, um centro de pesquisa diferente: a Base Ecológica do Japi. A conquista da base é fruto de assinatura de um convênio entre a prefeitura daquela cidade e a Unicamp, através de sua Pró-Reitoria de Extensão e de seu Instituto de Biologia. A coordenação da Base está sob a responsabilidade do biólogo João Vasconcelos Neto, do Departamento de Zoologia do Instituto de Biologia da Universidade.



Vasconcelos: preservar a natureza.



Prédio da nova base ecológica: alojamento para até 68 pessoas.

Tombada pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico) em 1983, pela diversidade de sua fauna e flora e a existência de espécies vegetais e animais em extinção, a serra do Japi vem atraindo pesquisadores de várias regiões para estudar suas riquezas naturais. Com a infra-estrutura oferecida pela base, os pesquisadores da Unicamp, que já vinham desenvolvendo pesquisas na mata, poderão agora intensificar seus trabalhos.

**Educação ambiental** — Nos 800 m<sup>2</sup> de área da base, construída com infra-estrutura necessária para alojar até 68 pessoas, pesquisadores, estudantes, professores primários e secundários interessados em meio-ambiente poderão agora desenvolver ali cursos e projetos de pesquisa relacionados com o assunto. Um salão para refeitório, biblioteca, quatro laboratórios, um viveiro de plantas com as espécies nativas da serra e dormitórios para abrigar alunos e professores dão à base ecológica as condições necessá-

rias para a realização de trabalhos na área.

Como parte do programa de inauguração da base ecológica, foi realizado durante três dias, de 14 a 16 de dezembro, o primeiro curso de Educação Ambiental dirigido a professores primários e secundários de Jundiá. Cerca de 20 pessoas, entre professores e funcionários, além de estudantes de nível universitário, participaram do curso.

O objetivo do curso de educação ambiental, que será oferecido outras vezes no decorrer deste ano, é formar pessoas na área para difundir a importância da preservação através da observação e do conhecimento dos fenômenos naturais. A interação entre animais e plantas, a percepção visual, tátil, auditiva e olfativa, além da diferenciação entre substâncias químicas tóxicas ou não, foram alguns dos temas abordados no curso.

“Em primeiro lugar, é preciso aprender os mecanismos de funcio-

namento da natureza para poder admirá-la e preservá-la”, explica o professor João Vasconcelos. Professores do programa de Ecologia do IB e alunos de pós-graduação são os responsáveis pelo curso de educação ambiental, que será multiplicado para outras pessoas interessadas através de monitores da Prefeitura de Jundiá e de professores formados por esse projeto.

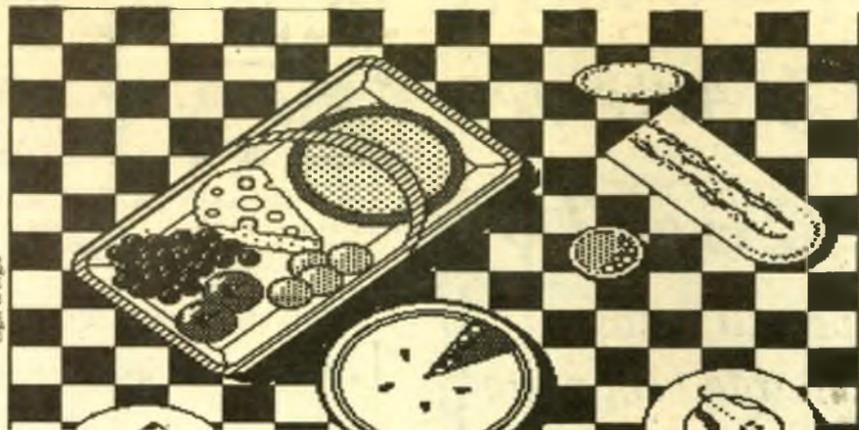
Uma das principais funções da base ecológica é oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento de cursos de campo para os alunos de graduação em Biologia e de pós-graduação em Ecologia e Botânica, além das pesquisas dos professores. A serra do Japi já vinha sendo usada pelos pesquisadores da Unicamp há mais de uma década. A inexistência de um alojamento na serra era, porém, fator que vinha dificultando o bom andamento dos trabalhos. Várias teses de mestrado e doutorado em Ecologia tiveram seu trabalho de campo realizado em diferentes ambientes da mata.

O livro *História Natural da Serra do Japi - Ecologia e Preservação de Uma Área Florestal no Sudeste do Brasil*, organizado por Patrícia C. Morellato e publicado pela editora da Unicamp, com o apoio da Fapesp, é um retrato vivo da mata, a partir de pesquisas ali realizadas. Vários dos capítulos do livro, fartamente ilustrados com espécimes da fauna e da flora local, resultaram de trabalhos de professores da Unicamp.

Com a criação da base ecológica, outras pesquisas poderão ser realizadas para que novos conhecimentos sejam produzidos e essa importante área de floresta natural do Sudeste brasileiro possa ser amplamente preservada. Segundo o coordenador da base, existe um projeto em curso para a criação da Fundação SOS-Japi para a captação de recursos visando à preservação da serra, bem como a perspectiva de implementação de um consórcio entre os municípios vizinhos, com o mesmo objetivo.

**Biodiversidade** — A serra do Japi ocupa uma área de cerca de 210 km<sup>2</sup>, sendo que mais da metade localizada no município de Jundiá. A outra parte está distribuída entre os municípios vizinhos de Cabreúva, Pirapora e Cajamar. A mata constitui-se num elo de ligação entre a mata Atlântica, o cerrado e a serra da Mantiqueira.

A importância da serra como regulador climático de toda a região Sudeste fez com que, no ano passado, tenha sido declarada reserva da biosfera pela Organização das Nações Unidas (ONU). A diversidade biológica do Japi, de acordo com o professor João Vasconcelos, é em muito superior à existente em matas de terra roxa como as de Planalto. É um dos mais importantes ecossistemas tropicais existentes no Brasil. Representa, segundo Patrícia Morellato, “uma das últimas grandes áreas de floresta contínua do estado de São Paulo, testemunha de uma flora e de uma fauna das mais ricas e exuberantes, que cobriam grande parte da região Sudeste do Brasil antes da colonização europeia”. (G.C.)



## CAB'S RESTAURANTE

Venha saborear a melhor comida de Barão por um preço melhor ainda.

Comida à vontade por \$ 49.000,

- Bife com todas as guarnições + farta mesa de saladas e frios

Tudo incluído no preço.

- Licor grátis
- Aceitamos cheques pré-datados

Av. Dr. Romeu Tórtima, 55 (entrada da Unicamp) B. Geraldo - Fone 39-5499

*CAB'S - Lanche por telefone*

Todos os tipos de Lanches (inclusive Naturais) e variedade de Sucos Naturais

**LIGUE FONE: 39-1155** e receba na sua seção das 7:00 às 21:30 hs.

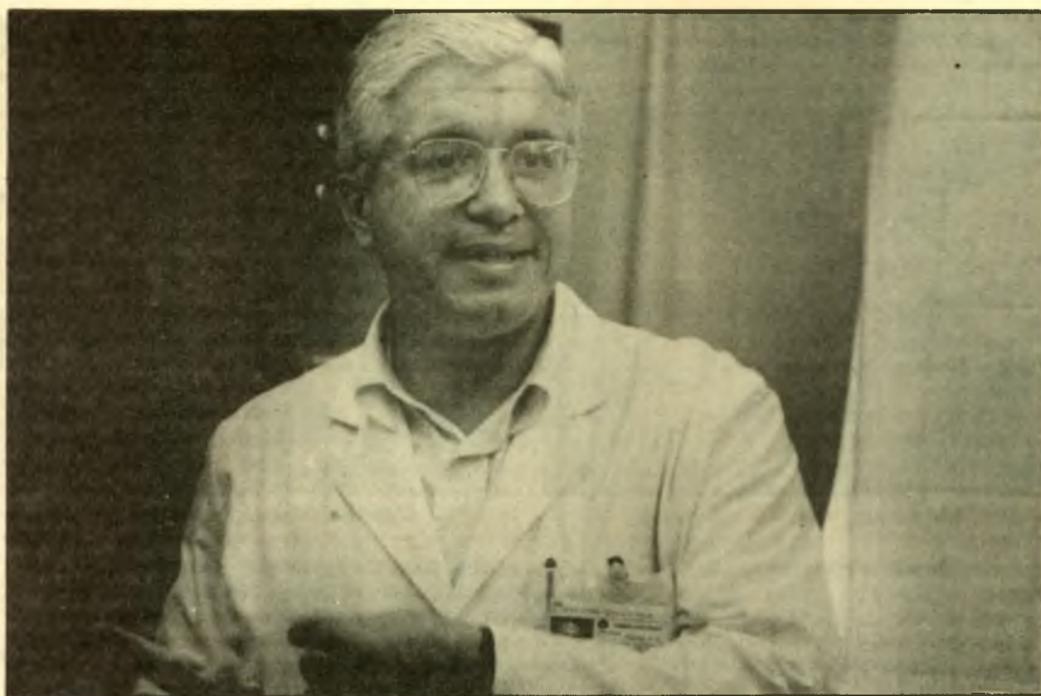
# Urologistas inovam em cirurgia

## Tratamento da incontinência urinária ganha técnica inédita.

A Unicamp acaba de desenvolver uma técnica inédita para o tratamento da incontinência urinária masculina. O novo método cirúrgico, coordenado pelo urologista Paulo César Rodrigues Palma, consiste na utilização de sobras de enxertos de artérias e enxertos de dracon (usado preferencialmente na desobstrução da artéria aorta). Feito de elementos flexíveis, sintéticos e biocompatíveis, o dracon sai a US\$ 50 por cm, enquanto que nos processos convencionais o paciente pode gastar até US\$ 10 mil.

O trabalho concedeu à equipe de urologistas do Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp o Prêmio Atualização Científica Hoescht, concedido pela primeira vez à área médica da Universidade. Segundo Palma, o enxerto que envolve a uretra é amarrado à parede do abdômen, exercendo pressão superior à da bexiga. "A cirurgia tem obtido um resultado de até 90% de cura", ressalta o urologista. A meta da equipe é executar de 40 a 48 cirurgias por ano.

O tratamento convencional da incontinência urinária é realizado através de uma raspagem em que muitas vezes o especialista não obtém o sucesso desejado. Para



Palma: novo método cirúrgico, inédito em todo o mundo.

reverter o quadro, a maioria dos médicos utiliza métodos caros e sujeitos à infecção. Um desses métodos é a fixação de um esfínter artificial, com manguito de pressão colocado ao redor da uretra. Essa cirurgia, que custa em torno de US\$ 10 mil, demora em média uma hora e o paciente leva de um a dois dias para se recuperar e voltar às atividades normais.

Há um método em que se embute no saco escrotal uma bomba bidirecional — de dois centímetros de diâmetro — com dois componentes, um para encher o manguito e outro para esvaziá-lo,

de modo a proceder à micção do indivíduo, que pode ser controlada pelo próprio paciente. Há ainda um terceiro método: a injeção transuretral de teflon, que custa US\$ 550 o tubo. São necessários três tubos por sessão e igual número de sessões de tratamento. "Esse método restabelece a continência urinária em 75% dos casos, embora seja uma opção bastante questionada em países do Primeiro Mundo", diz Palma.

**Reversão** — Cerca de 80% dos homens com mais de 40 anos apresentam crescimento prostáti-

co. Desses, 20% vão ter compressão da uretra e dificuldades para urinar, sintomas que, forçosamente, darão início a algum tipo de tratamento. Nos Estados Unidos são realizadas anualmente cerca de 400 mil cirurgias para desobstrução da uretra e cerca de 16 mil pacientes acabam por apresentar incontinência urinária durante o período de restabelecimento. Embora não haja informação estatística no Brasil, Palma acredita que esses números podem ser equiparados aos dos Estados Unidos.

Dificuldade para iniciar a micção, jato urinário fino ou reduzi-

do, demasiado esforço para urinar e, às vezes, até mesmo a retenção urinária são alguns sintomas de obstrução urinária que podem indicar tratamento cirúrgico. O fato gera problemas de ordem psicológica nos pacientes, que têm de urinar, em média, a cada duas horas.

A cirurgia da próstata pode também lesar o músculo que controla a micção. Quando isso ocorre, o indivíduo passa por problemas sociais, conjugais e de auto-estima. "O quadro é sempre acompanhado por depressão e apatia", diz Palma, acrescentando que há inúmeros casos de pacientes que precisam usar fraldões ou protetores externos.

O crescimento da próstata não é um fenômeno totalmente compreendido pela classe médica. Sabe-se porém que o hormônio masculino — a testosterona — está intimamente relacionado com o crescimento da próstata. Segundo Palma, recentemente isolou-se um fator epidérmico de crescimento prostático composto por oito aminoácidos que atuam juntamente com a testosterona. "É possível que haja outros fatores envolvidos, e que, quando modificados, poderão permitir uma forma de tratamento clínico mais eficaz para impedir o crescimento ou até mesmo provocar a redução da próstata", diz o pesquisador.

No entanto, o crescimento prostático não é apenas de ordem biológica: há também a implicação de fatores genéticos, como a hereditariedade e o racial, por exemplo. Estudos mostram que o crescimento da próstata é mais freqüente nas populações negras do que em outras. (A.R.F.)

LINGUAVIVA

Oficina

## A Arte de Ensinar INGLÊS

Profissionais especializados e metodologia de vanguarda bem perto de você.

Cursos para adultos, crianças e adolescentes.

R. Prof. Dr. Luciano V. Decourt, 662

(antiga Rua 2) Cidade Universitária

F: 39-4336

## Pharmácia Magistral

HOMEOPATIA E LABORATÓRIO DE MANIPULAÇÃO



PLANTÃO:  
27 e 28 de  
MARÇO

convênio.

ASSUC  
ADUNICAMP  
TELEBRÁS  
RHODIA  
A.P.G.

HOMEOPATIA  
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULA  
FLORAIS DE BACH  
FLORAIS CALIFORNIANOS

Farmacêutica Homeopata:  
Denise Derly Saburi  
CRF 8.11.888

AV. SANTA IZABEL, 154 - Barão Geraldo FONE: 39-2319

## ESCOLA "PASTORZINHO" INFANTIL

Venha nos conhecer!

- O mais importante para nós é o crescimento físico, emocional e intelectual da criança em um lugar seguro.
- Temos 10 anos de experiência.
- Área verde, play ground, salas equipadas.
- Tia Queila é pedagoga com curso em direção.

Promoção:  
março  
matrícula  
gratuita

R. Christina Giordano Miguel, 315 - Fone: 39-1829 - Sta. Genebra

B. Geraldo (3 ruas abaixo do terminal de ônibus)

LAVANDERIA AUTOMÁTICA

## NEW LAUNDRY

LAVANDERIA ESTILO DOMÉSTICO

Conveniada com tinturaria — lavagem a seco — sapataria consertos em geral e consertos de roupas.

Coletamos e entregamos a domicilio gratuitamente.

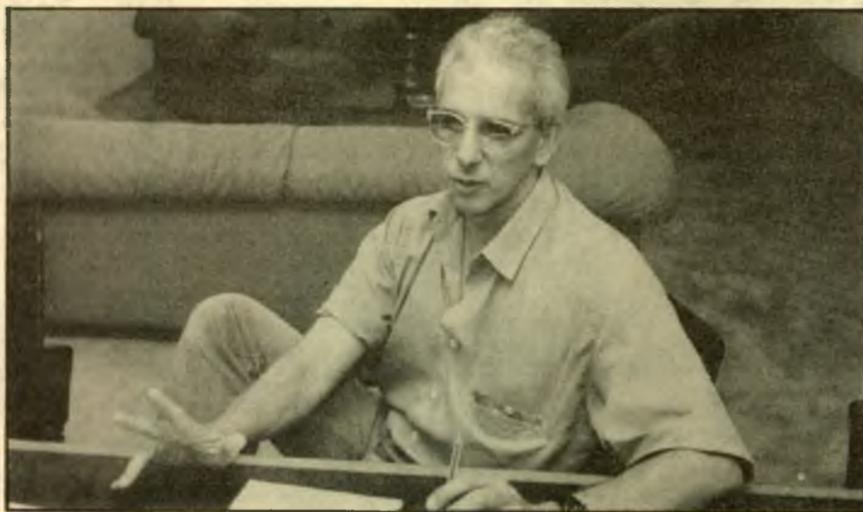
DISK-LAVE  
SELF-SERVICE  
FONE: 39-1038

Rua Francisca Rezende Mercal, 231 — Barão Geraldo.  
(Estacionamento do Supermercado Barão)  
FORMANDO TRADIÇÃO EM BOM ATENDIMENTO.

ATENÇÃO ESTUDANTES!  
Informem-se sobre os  
pacotes promocionais

# Economia tem novo diretor

**É o professor Waldir Quadros, que toma posse em 11 de março.**



Waldir Quadros: inserção do economista na sociedade.

Entrada em torno de três grandes eixos, a estrutura do curso de Economia da Unicamp situa-se entre a teoria econômica (técnica e metodologia), a parte fundamental (métodos quantitativos) e a visão histórico-social, que não são dimensões estanques e interagem entre si. O peso que se dá à vertente histórica é justamente o que diferencia o curso da Universidade de outras instituições do país.

Com uma estrutura curricular considerada adequada, embora objeto de permanente revisão, o grande desafio da nova direção do Instituto de Economia (IE) é "conferir autonomia intelectual ao aluno de graduação através da leitura e reflexão". O novo diretor do IE é o professor Waldir José de Quadros, 43 anos, que toma posse, oficialmente, neste 11 de março. O diretor-associado é o professor Otaviano Canuto dos Santos.

**Gestão participativa** — O programa de administração da nova diretoria do IE, nos próximos quatro anos de seu mandato, é permeado por uma visão de gestão participativa, numa relação de cooperação e de responsabilidade, que passa, segundo o novo diretor, pela "valorização do profissional competente". A oferta de

cursos de reciclagem para uma atualização de seu corpo funcional também faz parte do projeto da direção do Instituto de Economia.

Ex-coordenador da graduação no período de 91 a 92, o professor Waldir tem como área de pesquisa a questão da classe média brasileira. Ele comunga do pensamento dominante entre seus pares da Unicamp, de que a formação do economista deve estar voltada para a busca de constante inserção na sociedade, quer no campo do trabalho, quer no da política e da economia propriamente dita. O objetivo deve ser, em

sua opinião, o desenvolvimento distributivo, muito mais do que sustentado, e com justiça social.

**Leitura e reflexão** — A nível de graduação, área que conhece bem, por sua experiência de coordenação recente, o professor Waldir quer ampliar a capacidade de reflexão dos alunos. O novo diretor da Economia é também contrário à profissionalização precoce. Segundo ele, a graduação é a última oportunidade que o estudante tem antes de entrar no mercado de tra-

balho, para obter uma formação básica sólida que lhe permita refletir sobre o mundo que o cerca. Para isso acredita ser fundamental muita leitura e reflexão, num confronto permanente de idéias capaz de permitir ao aluno formar seu próprio ponto de vista sobre as questões com as quais deparará no exercício profissional.

No âmbito da pós-graduação, sua proposta de atuação é semelhante à da graduação, embora num nível mais elevado de exigência. Durante sua gestão, o professor Waldir pretende reduzir o tempo de integralização das teses de mestrado e permitir a passagem direta para o título de doutorado, dependendo da amplitude e do conteúdo do trabalho em curso. Solicitará maior esforço do corpo docente para melhor delimitar, com seus orientandos, a problemática a ser pesquisada. Outro dos objetivos é estimular a publicação de artigos antes mesmo da defesa de tese.

Com relação aos docentes, pretende também favorecer a publicação da produção acadêmica em todos os níveis e dar um formato novo às atividades exercidas, com vistas à permanente avaliação da qualidade acadêmica. A revista *Economia e Sociedade*, lançada recentemente pelo Instituto, reflete, de acordo com o novo diretor do IE, a postura dos pesquisadores da unidade de pensar sempre o papel do Estado de um ponto de vista histórico, atuando e refletindo sobre a sociedade brasileira atual. "Nossa preocupação é a reinterpretar os fatos à luz das exigências atuais, mas sempre voltado para os fundamentos da sociedade, da teoria e da história, sem modismos", afirma. (G.C.)

## WU UNIVERSITÁRIA

### Teses

#### Artes

"Os multimeios e os instrumentos de seleção de pessoas" (mestrado). Candidata: Marilda Castelar. Orientadora: professora Nelly de Camargo. Dia: 3 de fevereiro.

#### Biologia

"Biologia de fannia pusio (Wiedemann, 1830) (Diptera: Fanniidae), em laboratório" (mestrado). Candidato: Carlos Henrique Marchiori. Orientador: professor Ângelo Pires do Prado. Dia: 3 de março.

#### Ciência da Computação

"Algoritmos para emparelhamentos em grafos bipartidos" (mestrado). Candidato: Herbert Alexander Baier Saip. Orientador: professor Cláudio Leonardo Luchesi. Dia: 3 de março.

#### Economia

"A dinâmica tecnológica da agricultura: perspectivas da biotecnologia" (doutorado). Candidato: Sérgio Luiz Monteiro Salles. Orientador: professor Mário Luiz Possas. Dia: 5 de março.

#### Educação Física

"Perspectivas históricas do movimento esporte para todos no Brasil" (mestrado). Candidato: Edison Francisco Valente. Orientador: professor Ademir Gebara. Dia: 10 de fevereiro.

"Saúde coletiva e aptidão física de escolares de segundo grau: Estudo a partir do Colégio Técnico Industrial-UNEP" (mestrado). Candidato: Henrique Luiz Monteiro. Orientador: professor Aguinaldo Gonçalves. Dia: 12 de fevereiro.

#### Engenharia de Alimentos

"Levantamento da curva de equilíbrio termodinâmico do par carvão ativado C 119 (carbomafra) e metanol" (mestrado). Candidato: Tatumi Kajiyama. Orientador: professor José Antonio Dermengi Rios. Dia: 8 de fevereiro.

"Efeito do peso de abate nos rendimentos. Características de carcaça e qualidade da carne de novilhos nelore e mestiços canchim-nelore" (mestrado). Candidato: Afonso de Liguori Oliveira. Orientador: professor Pedro Eduardo de Felício. Dia: 12 de fevereiro.

#### Engenharia Elétrica

"Função do problema de rejeição de perturbações com regulação linear quadrática" (mestrado). Candidato: Carlos Eduardo Trabuco Dórea. Orientador: professor Basílio Ernesto de Almeida Milani. Dia: 2 de fevereiro.

"Uma estratégia de escalonamento de processos periódicos e esporádicos em sistemas de tempo real crítico monoprocedidos" (mestrado). Candidato: Alencar de Melo Júnior. Orientador: professor Maurício Ferreira Magalhães. Dia: 4 de fevereiro.

"Criação de ferramentas para o ambiente prolog e o acesso de novatos ao paradigma da programação em lógica" (doutorado). Candidata: Maria Cecília Calani Baranauskas. Ori-

entador: professor José Armando Valente. Dia: 4 de fevereiro.

"Interferência de canal adjacente como função dos parâmetros de propagação e distribuição de tráfego em sistemas rádio móveis celulares" (mestrado). Candidato: Adilson Fernando Victória. Orientador: professor Michel Daoud Yacoub. Dia: 5 de fevereiro.

"Visualização de volumes aplicado na área médica" (mestrado). Candidato: Alexandre Xavier Falcão. Orientador: professor Roberto Alencar Lotufo. Dia: 5 de fevereiro.

"Otimização do planejamento da produção em sistemas multiestágios" (mestrado). Candidata: Regina Esther Berreta. Orientador: professor Vinícius Amaral Armentano. Dia: 8 de fevereiro.

"Sistema de substituição da visão através da sensação tátil, utilizando estimulação eletrotátil" (mestrado). Candidato: Paulo Henrique Dantas Antonino. Orientador: professor Alberto Cliquet Júnior. Dia: 9 de fevereiro.

"Desenvolvimento de um sistema de análise digital de smais eletromiográficos" (mestrado). Candidato: Antonio Augusto Fasolo Quevedo. Orientador: professor Alberto Cliquet Júnior. Dia: 9 de fevereiro.

"Identificação adaptativa de sistemas através de mínimos quadrados lineares utilizando fatoração QR e janela móvel de dados" (mestrado). Candidata: Luiza Yoko Taneguti. Orientador: professor Basílio Ernesto de Almeida. Dia: 11 de fevereiro.

#### Engenharia Mecânica

"Desenvolvimento de um código de cálculo utilizando o método dos volumes finitos e o

modelo de turbulência K- $\epsilon$  para solução de problemas bidimensionais" (mestrado). Candidato: Cláudio Bezerra de Carvalho. Orientador: professor Gilmar Mompean Munhoz da Cruz. Dia: 17 de fevereiro.

"Comportamento dinâmico de um veículo automotivo — simulação, controle e otimização" (doutorado). Candidato: Nilson Barbieri. Orientador: professor Douglas Eduardo Zampieri. Dia: 17 de fevereiro.

"Resistência à usinagem — uma contribuição à caracterização dos materiais" (mestrado). Candidato: José Paulo Breda Destro. Orientador: professor Nivaldo Lemos Cupini. Dia: 18 de fevereiro.

"Determinação de impurezas em silício por espectroscopia de absorção atômica" (mestrado). Candidata: Adriana Franco Bueno Braga. Orientador: professor Roberto de Toledo Assumpção. Dia: 19 de fevereiro.

#### Engenharia Química

"Predição do equilíbrio líquido-vapor e líquido-líquido por contribuição de grupos" (mestrado). Candidato: Lúcio Cardozo Filho. Orientador: professor Saul Gonçalves DÁvila. Dia: 4 de fevereiro.

"Coeficiente de atividade pelo método do arraste" (mestrado). Candidata: Ana Lúcia Ferreira de Moraes. Orientador: professor Saul Gonçalves DÁvila. Dia: 5 de fevereiro.

"Modelos estáticos e dinâmicos para o controle de colunas de destilação" (mestrado). Candidato: Roberto Tadeu Loureiro Resck. Orientador: professor Mário de Jesus Mendes. Dia: 25 de fevereiro.

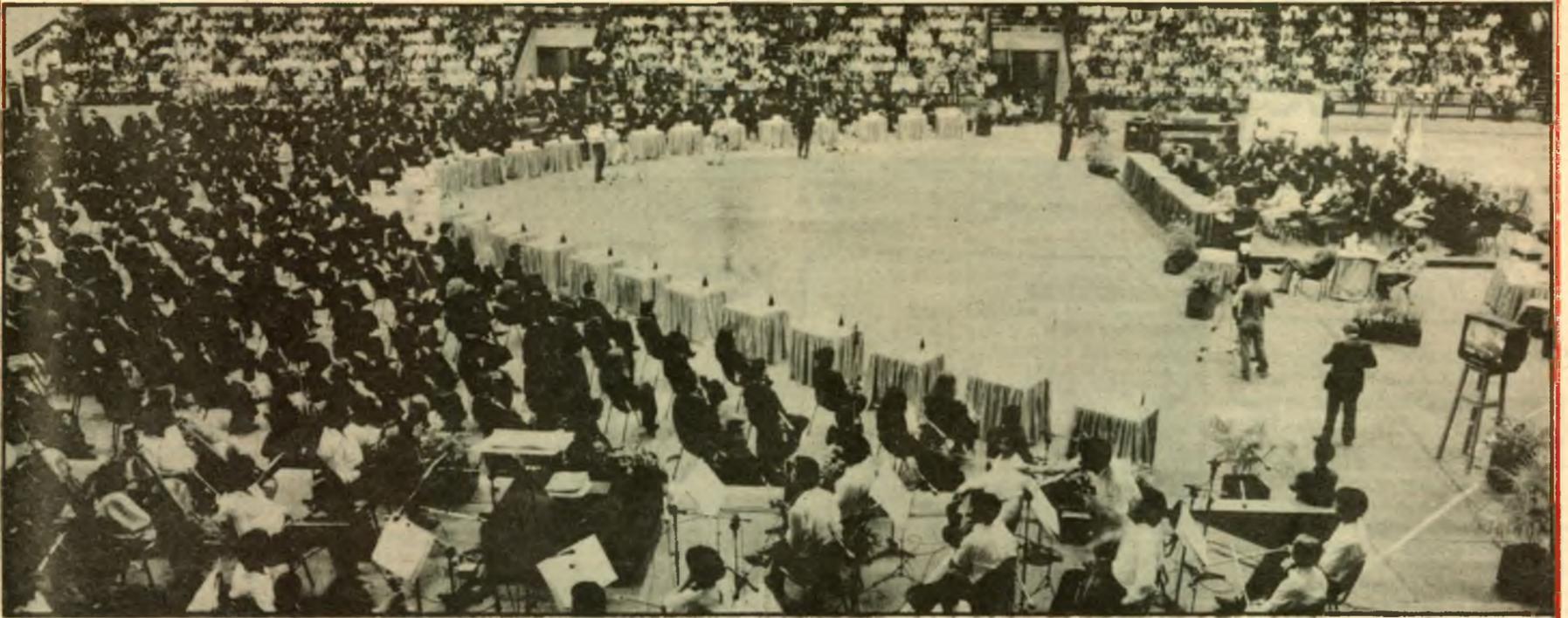
# FISK GARANTE O SEU PASSAPORTE PARA O MESTRADO E DOUTORADO NOS E.U.A.

A ESCOLA FISK PREPARA VOCÊ PARA O EXAME TOEFL.

- ⇒ Professores especializados
- ⇒ Material importado fornecido pela escola
- ⇒ Preços especiais para Universitários
- ⇒ Grupos reduzidos
- ⇒ Vagas limitadas, garanta a sua!

R. Coronel Quirino, 1111 - Cambul  
FONE: 52-2001

R. Oliveira Cardoso, 215 - Castelo  
FONE: 42-0797



Solenidade de formatura realizada no dia 8 de janeiro no Ginásio Multidisciplinar: 533 novos profissionais.

## Gesto de exilados marca formatura

### Jovens chilenos que escaparam de Pinochet graduam-se e fazem agradecimento à Unicamp.

A cerimônia de colação de grau que, no último dia 8 de janeiro, reuniu no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp 533 formandos de 28 cursos, teve a certa altura um fato incomum. De repente, quatro jovens de beca abriram uma faixa em que estava escrito: "Solidariedade e Consciência". Um deles, Patrício Cannobbio Opazo, foi ao microfone e, falando em nome dele e de seus três colegas — Diego Caroca Riquelme, Hugo Navarro Morales e Jorge Henriquez Guerrero, todos chilenos como ele — fez um comedido discurso de agradecimento ao Brasil, aos brasileiros e à Unicamp.

Havia uma razão para isso. Seis anos atrás, os quatro jovens experimentavam uma fase delicada de suas vidas. Banidos do Chile pela ditadura do general Augusto Pinochet, os quatro exilavam-se no Brasil e foram acolhidos como alunos regulares pela Unicamp, onde puderam concluir os seus estudos. Agora formados — e com Pinochet fora do poder — eles quiseram marcar a sua despedida com um gesto que não deixa dúvidas acerca de sua gratidão.

Quando partiram do Chile, os quatro exilados deixaram para trás tristes lembranças de violência, injustiça, barricadas e duelos em que eram obrigados a enfrentar com pedaços de pau e coquetéis molotov a ira de tanques e fuzis. Quando aportaram na Unicamp, trouxeram na bagagem a expectativa de um Brasil mais democrático e a esperança de um dia retornar à terra natal e lá poder aplicar os conhecimentos adquiridos nos bancos acadêmicos da Universidade que os acolheu.

"Ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição até biológica". Esse pensamento, do ex-presidente chileno Salvador Allende, morto em 1973 durante o golpe de Pinochet, foi uma das mensagens contidas na carta de agradecimento lida por Patrício Cannobbio, formando de engenharia civil, durante

a solenidade de formatura. Segundo ele, a ação dos caras-pintadas que derrubaram o governo Collor pode ser comparada ao importante papel desempenhado pela juventude chilena que, em 1989 poria abaixo nas urnas a ditadura do general Pinochet. Aplaudido de pé por centenas de pessoas, Patrício encerrou seu discurso de agradecimento — no qual não se esqueceu de mencionar as instituições e órgãos que os acolheram nos momentos mais difíceis — afirmando que a Unicamp, ao permitir o acesso de alunos perseguidos políticos aos seus bancos acadêmicos, consolida sua tradição de pluralismo e de vanguarda no cenário das instituições de ensino superior da América Latina.

**Ditadura instalada** — Salvador Allende, o primeiro presidente socialista da história do Chile, teve vida curta à frente do Palácio de La Moneda, no coração de Santiago. Eleito pelo voto direto, assumiu a Presidência em 1970. O sonho durou até o dia 11 de setembro de 1973, quando tropas militares comandadas pelo general Pinochet invadiram o palácio presidencial deflagrando um período de 16 anos de regime forte que durou até 10 de março de 1990, quando Patrício Aylwin, conquistou pelo voto direto o comando do governo.

Modernamente, os principais focos da resistência à ação repressiva dos governos costumam concentrar-se nas universidades. No Chile, o cenário não foi diferente. Os militares invadiram as instituições e ocuparam as reitorias. Perseguiram professores, alunos e funcionários, sempre, com um discurso baseado na segurança nacional. Com tal intensidade e eficácia que somente nos anos 80 é que ressurgiu o movimento estudantil chileno, empenhado em abalar os alicerces da ditadura.

Dos quatro formandos da Unicamp, Diego Riquelme, 36 anos (artes plásticas) foi o que viveu momentos mais difíceis. Aluno de desenho gráfico na Universidade Católica de Valparaíso, Diego era fervoroso militante da Juventude Comunista. Expulso da universidade, foi para a rua combater a repressão. Participou de barricadas, socorreu amigos feridos, teve a família perseguida, foi preso e,

em 1986, expulso do país. Clandestino, entrou no Brasil sem nenhum dinheiro e sem lugar para morar. Recebido por amigos que chegaram ao país na mesma situação, sobreviveu de auxílios e fez "bicos" até a legalização de sua situação junto à Unicamp. Mais tarde recebeu uma bolsa da Universidade e auxílio da Organização das Nações Unidas (ONU).

**A saga chilena** — Patrício Cannobbio, 31 anos, Hugo Navarro, 29 (engenharia civil) e Jorge Henriquez, 29 (engenharia mecânica) estudavam na Universidade Técnica do Estado que, após o golpe militar, passou a se chamar Universidade de Santiago. Os três participavam do Movimento Juvenil Democrático Popular e integravam a Federação dos Estudantes da Universidade, entidade equivalente ao DCE brasileiro. Com os órgãos decisórios de universidade ocupados por militares, logo passaram a ser consideradas pessoas "perigosas" à segurança nacional. Daí à expulsão, foi um passo.

Com pouco dinheiro no bolso (cerca de US\$ 200 no total) e exaustos após 80 horas de viagem de ônibus, os três rebeldes chilenos chegaram ao Brasil com um endereço na agenda: Universidade Estadual de Campinas. Eles tinham a informação de que uma deliberação do Conselho de Educação de São Paulo autorizava os estabelecimentos de ensino superior do Estado e receber e matricular alunos com problemas em seus países de origem. Sabiam também do bom conceito de que desfruta a Unicamp na América Latina enquanto centro de excelência na área do ensino e da pesquisa.

Residiram inicialmente num alojamento de atletas localizado no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Faziam suas refeições no restaurante da Assembléia Legislativa. Sobreviveram de bicos. Rifaram instrumentos musicais típicos — "arrecadamos quase US\$ 100 por um charango", lembra Jorge. Moraram também na casa paroquial de Limeira e no seminário da cidade de Americana, no interior de São Paulo. "Conhecemos a Igreja por dentro", brinca Hugo. Tudo se passou num período de seis meses, enquanto não obtinham a confirmação das vagas e, por isso,

assistiam às aulas na condição de ouvintes. A situação acadêmica só foi regularizada no primeiro semestre de 88, quando passaram a receber bolsas-trabalho oferecidas pelo Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) e pela ONU.

**Impressões e destinos** — A integração entre a graduação e a pesquisa, através de projetos de iniciação científica, foi a questão que mais agradou o engenheiro mecânico Jorge Guerrero, durante sua permanência na Unicamp. Desenvolvendo no momento um projeto de mestrado na área de térmica e fluidos, Jorge pretende ir ao limite de suas possibilidades acadêmicas na Universidade. "Com o título de doutor no currículo e com boas idéias na cabeça, quero aplicar futuramente meus conhecimentos no Chile", afirma.

Os engenheiros civis Hugo Navarro e Patrício Cannobbio elogiaram a disposição da Unicamp em facilitar o acesso de graduandos ao setor produtivo. "Essa é uma prática pouco comum no Chile", diz Hugo, que ao lado do companheiro, trabalha na Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec). Há três anos sem ir ao Chile, Hugo é casado com uma brasileira e não alimenta a pretensão de voltar para casa. A situação de Patrício é um pouco diferente: casado com uma chilena, pai de dois filhos, visita o Chile regularmente. O prazo de seu retorno está diretamente condicionado ao resultado das próximas eleições presidenciais, que devem acontecer ainda este ano no Chile. Se o militante socialista Ricardo Lagos for o preferido nas urnas, é provável que Patrício integre algum escalão do novo governo.

A situação de Diego é menos confortável. Foragido do Chile, casado e pai de dois filhos, ele nunca mais retornou à terra natal. Durante o período em que permaneceu como aluno do Instituto de Artes, Diego procurou aprofundar seus conhecimentos nas áreas de confluência entre vídeo e cinema. Há dois anos, o artista plástico participou do projeto de idealização do Centro Cultural Victória, onde atua como administrador (A.C.)



Jorge: expectativa de retorno.



Diego: prisão e barricadas.



Patrício: discurso comovido.



Hugo: bastidores da Igreja.